



# Desafio das imagens do Lettera

maio de 2026



**Desafio das imagens do Lettera  
Maio 2026**

**Acesse o site [projetolettera.com.br](http://projetolettera.com.br)**

## Sumário

À procura de respostas, de Solitudine .....	2
Capítulo 1: Não Confie Nela .....	3
Capítulo 2: Irmãs Morheb .....	5
Capítulo 3: Ocultações .....	9
Capítulo 4: O Encontro .....	12
O Reflexo do Que Restou do Horizonte de Eventos, de Lady Texiana .....	14
CAPÍTULO 1 - O Horizonte de Eventos .....	14
Não acredite nela, de caribu .....	17
Introdução .....	17
Capítulo 1 .....	19
Capítulo 2 .....	22
Capítulo 3 .....	24
Capítulo 4 – Final .....	27
Je suis malade, de Nay Rosario .....	29
CAPÍTULO 1 - Chapitre Unique .....	29
O Poder do Agora, de Zanja45 .....	39
Capítulo 1 .....	39
Nao Acredite Nela!, de Omuwandiisi .....	50
CAPÍTULO 1 - A Fotografia .....	50
Capítulo II – Contenção .....	54
Capítulo III - A Porta Aberta .....	58
Capítulo IV - Que Se Quebra .....	62
Capítulo V - Ela Fará Seu Coração Partir .....	67
Lua e Mel, de May Poetisa .....	70
CAPÍTULO 1 .....	70

Capa: ChatGPT

Revisão: Cristiane Schwinden

## À procura de respostas, de Solitudine

### Capítulo 1: Não Confie Nela

—Você tem certeza que já vai embora, filha? – Leilana perguntava preocupada – Fica mais, estava tão divertido com você contando suas histórias para gente!

—Não, dá ruuba (forma carinhosa para “dinda”, em árabe)... infelizmente preciso arrumar a casa e lavar roupa. – acariciou levemente o rosto da idosa – Mas quero que saiba que me fez muito bem passar esse dia das maamas com vocês. – sorriu

Leilana sabia que Katrina mentia. – Tudo bem, vá para sua casa. – respondeu com ternura – Mas não se permita ficar deprimida, porque Sihamy jamais gostaria disso! Lembre que sua maama sempre desejou te ver feliz acima de tudo!

—Eu sei, ruuba, eu sei... – balançou a cabeça – Fiquem bem! – beijou a mão direita da idosa e se despediu

Andando depressa pelas ruas mal iluminadas do bairro, Katrina buscava não pensar para não sofrer.

\*\*\*

“I know it's true (Eu sei que é verdade),

It's all because of you (É tudo por sua causa)...”

O som da música reverberando pelo celular trazia-lhe dolorosas lembranças.

“—Para de gritar, maama! – Katrina ralhava – Eu não vou fazer nada enquanto a senhora continuar gritando! Não pode ser assim!

—AHAHAHAHAHAHAH! – Sihamy berrava

—Para de gritar, para! – a detetive pedia em vão”

“And if I make it through (E se eu sobreviver)

It's all because of you (Será tudo por sua causa)...”

“—Meu Deus... – a detetive limpava delicadamente o sangue da boca da mãe enquanto chorava – Por favor, meu Pai, livra ela desse sofrimento! – implorava – Eu não aguento mais...

—Ai, ai, ai, ai! – a idosa gemia

—Tudo bem, maama! – falava com carinho – Sua filha está aqui.”

“And now and then (E de vez em quando),

If we must start again (Se tivermos que recomeçar)...”

“—Eu não vou lhe deixar morrer sem ar, maama, não vou! – prometia nervosamente – Alguém atende esse telefone, pelo amor de Deus!

—Tem alguém tocando a campainha! – a cuidadora afirmou aflita – Será que é o pronto socorro!

—Não pode ser, porque ninguém me atende! – sentia-se angustiada – DROGA!”

“Well, we will know for sure (Bem, nós saberemos com certeza),

That I will love you (Que eu te amarei)...”

—Por que essas lembranças não saem de mim? – Katrina se perguntava – Por que não me deixam em paz? Por quê? – andava pela casa a ermo —AHAHAHAHAHAHAHAH! – berrou e caiu de joelhos no chão

“Now and then I miss you (De vez em quando sinto sua falta)...”

Now and Then. Intérpretes: The Beatles. Compositores: composição original por John Lennon. Versão dos Beatles por John Lennon / Paul McCartney / George Harrison / Starkey. In: Love Me Do (double A-Side). Apple, 2023. Double A-Side Single (4min08)

Katrina gritou e chorou consumida em sua agonia até adormecer no chão da sala.

\*\*\*

—E como foi o dia das mães? – Artemis perguntou enquanto caminhavam – Sabia que quase te liguei, mas tive medo de ser inconveniente? Fiquei preocupada com você, especialmente por saber que só te veria uma semana depois.

—Passei a data com a ruuba, o filho dela, a nora, o neto... Depois fui para casa e fiquei de boa ouvindo música. Minhas férias foram curtas, mas bem massa! – sorriu – Não precisava se preocupar, chefia. – respondeu brincalhona – E com você, como foi?

—Foi bom, especialmente porque dessa vez minhas duas irmãs vieram com as famílias, minha sogra, a cunhada... Minha filha e os primos não se desgrudaram o tempo todo!

—E fizeram muita bagunça? – Katrina sorriu – Imagino você tentando trazer lei e ordem no meio dos adolescentes!

—Que nada! Os jovens de hoje em dia só conversam pelo celular! – enfatizou – Eles ficaram o tempo todo sentados, digitando e rindo sei lá do que. – entraram no escritório

—Finalmente vocês chegaram! – Luiz Daniel as abordou afetado – Gentem, que demora foi essa? Tem uma pessoa importantíssima ligando toda hora por causa de um babado tenso! – revirou os olhos – E ela só não desistiu dessa agência, porque eu, Luda, com toda perspicácia que Deus me deu, – gesticulava afetado – convenci a poderosa de que os melhores detetives do planeta habitam aqui!

—E que babado seria esse? – Artemis perguntou ao arrumar suas coisas na mesa – Aliás, tô ótima, obrigado por perguntar. – sorriu irônica e se sentou

—Bom dia, não é, Luda? – Katrina igualmente sarcástica

Fez um bico. – Se vocês soubessem quem é essa cliente, estavam me aplaudindo ao invés de debochar!

—Fala, criatura, desembucha! – a detetive colocou a mochila sobre a mesa e aguardou. Artemis igualmente esperava explicações

—Pois é ninguém menos que Jubinha Tresjolie, a mais badalada influencer hairstylist de celebridades! – anunciou – E ela quer que a gente descubra o paradeiro da irmã, que surtou depois que perdeu a mãe!

Katrina sentiu um impacto ao ouvir aquilo. – Elas não são filhas da mesma maama?

—Hermanitas só por parte de pai. – respondeu de pronto – Ela falou muito mais coisa, além de ter mandado uma foto e um link. Eu fiz até um resumo! – pegou o celular e começou a digitar – está tudo nas suas mãos, Art. – enviou pelo aplicativo e Artemis logo começou a ler – Agora vocês me deem licença, porque vou fazer um mistério no Fuçagram! – gesticulava – Contar para o mundo que virei íntimo de uma grande influencer; só não vou revelar qual! – afastou-se

—Artemis, eu quero esse caso! – debruçou-se sobre a mesa dela

—Katrina... – pensava em como falar – Você passou 6 anos cuidando da sua mãe, está vivendo um luto super recente e... – pausou brevemente – Eu não acho que um caso que vai te ativar um monte de gatilhos seja o que você precise nesse momento!

—Deixa eu ver a tal foto?

Relutantemente Artemis exibiu a tela do celular. Aproximando o rosto, Katrina viu que se tratava da imagem de quatro jovens sorridentes. – Não acredite nela. – leu em voz alta – Nitidamente é uma foto de uma fotografia em Polaroid impressa. – observou – E pelo jeitão, eu diria que a original foi tirada nos anos 90. – concluiu – A influencer disse o que isso significa? Quem é a desaparecida?

Recolheu o celular. – A desaparecida se chama Carla Morheb e deixou essa foto sobre a mesa antes de sumir. As garotas são amigas dos tempos de faculdade. – explicou – Tem uma foto recente da Carla num link que ainda não consegui abrir.

—Por favor, Artemis, passa esse caso para mim! – insistiu – Eu quero todas as informações que a gente já tem e mais o contato da cliente para cair dentro! Não me coloca no freezer justo quando eu mais preciso trabalhar!

Deu um suspiro profundo. – Tudo bem, Katrina. Você é a minha detetive mais experiente e a mais bem sucedida também. Mas vai me prometer que se sentir que não tem emocional para levar adiante, saberei disso imediatamente!

Sorriu satisfeita. – Eu nunca larguei um caso no meio, chefia; não vai ser agora! – ergueu-se novamente – Nós vamos encontrar essa Carla Morheb ou eu não me chamo Katrina Bahri! – mirou o infinito – Ela é tão descendente da terrinha quanto eu; algo nos une e isso facilita as coisas!

## Capítulo 2: Irmãs Morheb

Katrina investigava o apartamento da desaparecida. – Carla Morheb, mulher morena, nem magra e nem gorda, 1.70m de altura, 45 anos, solteira, sem filhos, sem pets, sem carro, desaparecida há cerca de três meses... que mais? – repetia o que ouviu

—Ah, ela é uma psicóloga renomada, cheia de pacientes, escreveu sete livros... – gesticulava – É popular, do bem, divertida... Mulher foda, cara! Tipo eu, assim! – fez uma pose provisória

—Então o desaparecimento dela deve ter repercutido! Carla tem redes sociais, canais de comunicação, coisas assim? – observava tudo

—Ao contrário de mim, ela não curte essas coisas... Só fazia live quando era convidada por alguém importante e ainda assim escolhia a dedo! – seguia a detetive – Os amigos, colegas de trabalho e pacientes ficaram passados! Acredita que meu número de followers e de visualizações até aumentou por causa disso?

Seguiu para a sala. – Você falou em amigos, colegas e pacientes, mas não em família. – reparava nas fotografias nos porta-retratos – Por quê?

—Porque nossa família somos só nós, meu bem. – respondeu de pronto – Da minha parte, já passou todo mundo e da parte dela só tinha a mãe. – sentou-se no braço da poltrona – Mas ela ficou anos cuidando daquela mãe e quando tudo acabou... acho que a vida perdeu o sentido para ela, sabe? – cruzou as pernas – Após o carnaval, sumiu! Mas eu só fiquei sabendo depois. É que eu vivo muito ocupada divando nas redes!

—Hum... – observava objetos deixados sobre uma mesa – Aquelas moças da foto que você nos mandou... Carla ainda tinha contato com elas, sabe dizer?

—Não, elas se afastaram! – fez um gesto rápido – Na minha opinião ficaram morrendo de inveja do sucesso dela e aí sabe como é! Eu mesma também vivi isso na pele! É foda ser foda, sabe?

—Mas, apesar disso, imagino que no passado elas tenham sido muito amigas. – olhou brevemente para a mulher – Do contrário, sua irmã não ficaria revendo a foto justo num momento de luto e pelo que você disse, foi das últimas coisas que ela fazia antes de sumir.

—Sim, elas foram super BFF! Carlinha dizia que os anos de ouro da vida dela foram os da faculdade. – levantou-se e contornou a poltrona – Saíam muito pras baladas, zoavam... Naquela época, ela era pegadora, entende? Cada hora um carinha diferente e sempre gatinhos... Depois se aquietou e ao que se saiba não namorava ninguém há tempos! – gesticulava – Já eu, nunca deixei de ser pegadora, sabe? Comigo a coisa rende e os gataços me disputam!

—Você disse que contatou todos os amigos, colegas e cuidadoras que conheceu. – voltou ao foco da conversa – Sabe se alguém veio visitá-la nos últimos tempos ou se esteve com ela em algum lugar?

—Ah, não, ela só saía para trabalhar e sempre voltava para casa para ficar com dona Maria. Foi assim durante todos os anos em que cuidou da mãe. – esclareceu – As visitas que recebeu foram todas bem antes do carnaval.

—E o carnaval, ela passou com quem?

—Em casa, sozinha. – respondeu de pronto – Já eu viajei para Salvador e fiquei no camarote VIP do Soltafranguetion! Meu canal bombou!

—Celular?

—Sumiu junto. está certa, não é? Já pensou ficar sem fazer selfie? Deus livre!

—Hum... – circulou brevemente pela casa – Chama atenção o fato desse apartamento estar muito bem arrumado e limpo, mesmo depois de quase três meses de ausência da dona. – parou diante da outra – A polícia ainda não veio aqui investigar?

—Veio, claro, afinal de contas eu registrei um BO na delegacia e sou uma celebridade! – respondeu como quem diz o óbvio – Mas antes deles virem mandei minha faxineira dar uma geral no apartamento, não é? estava uma zona!

Não gostou do que ouviu. – Fica mais difícil para qualquer um deduzir o que se passou aqui uma vez que a cena foi mudada. – balançou a cabeça contrariada e cruzou os braços – E eles encontraram alguma coisa digna de nota? Carla era desleixada?

—Aí é que está: ela era toda organizada! Esse apartamento sempre foi um brinco! Não entendi aquela zorra! – gesticulava – E a polícia não disse que encontrou nada! A faxineira muito menos!

—E o consultório? – olhava para a influencer – Eu gostaria de ir lá dar uma olhada e também de conversar com a secretária dela; certamente Carla deve ter uma.

—está, pode ser. – concordou – Só não hoje, porque daqui a pouco vou fazer uma live incrível sobre dicas de penteados estilosos para usar no show da Zambira.

—Aliás, me perdoe, mas... qual é seu nome verdadeiro, Jubinha? – perguntou – “Eu não aguento esses “nomes artísticos”!” – pensou

—Carla Morheb.

—Uai! – não entendeu – Esse não é o nome da sua irmã? – abriu os braços brevemente

—Então... – caminhou um pouco pela sala – Papai era meio safadinho e também gostava de uma boa mangaça... Carlinha nasceu na roça e eu aqui, só que com duas horas de diferença. – riu brevemente – Aí meu pai me registrou, esqueceu do nome que me deu e quando foi registrar ela, usou o mesmo nome. Deduzo que estava de cara cheia, sabe? para diferenciar, ele colocou meu apelido de Jubinha, porque nasci cabeludinha, e o dela de Tinhoca.

—Tinhoca?

—E não me pergunte por quê; eu nem imagino! Só sei que ela proibiu todo mundo de usar esse apelido depois que entrou para faculdade.

—Um apelido tão bonito... – ironizou – “Duas irmãs com o mesmo nome, praticamente a mesma idade e tão diferentes...”

\*\*\*

—Sou secretária da doutora Carla há quinze anos, procurei todo mundo que podia dizer alguma coisa sobre o paradeiro dela e foi em vão! – olhava para a detetive – Ela trabalhou pela última vez na sexta-feira depois do carnaval e daí sumiu! Sorte a minha que doutora Lilian também trabalha aqui e agora paga meu salário sozinha.

—Ou seja, a maama dela morreu no começo de fevereiro, ela tirou poucos dias de folga por causa do luto, emendou com o carnaval, voltou ao trabalho na quinta e na sexta foi seu último

dia aqui. – recapitulou – E nada no comportamento dela que deixasse qualquer suspeita nesse sentido? – reparava no local

–Nada! – repetiu – E eu digo para senhora: tem quem ache que ela se matou, mas eu duvido!

–E por quê? – reparou em um desenho que encontrou sobre a mesa

–Porque o avô dela foi suicida e ela sabia o peso que isso deixa sobre quem vai e sobre quem fica!

–Hum... Esse desenho! – mostrou o papel – Parece que foi uma das últimas coisas que ela deu atenção. É de algum paciente?

–Não; é dela mesmo! – afirmou convicta – A doutora desenhava muito bem. Não vi quando foi feito, mas reconheço um desenho dela quando vejo.

–Um braço de mulher algemado numa cama... – examinava o desenho – Psicólogos não costumam falar sobre os pacientes, mas essa imagem lhe recorda algum deles?

–Não sei se tem relação com paciente, mas esse braço é dela. está vendo essa cicatriz aqui? – apontou perto do pulso – Foi um corte feito por um paciente há uns anos atrás. – lembrava – Sujeito surtou na véspera da pandemia e veio aqui com um canivete. Deu polícia e tudo! Depois soubemos que ele se matou pouco antes da quarentena acabar.

\*\*\*

Katrina dormia. Havia passado as últimas horas recapitulando tudo que descobriu sobre Carla e embalada nestes pensamentos, sonhava.

“Seguia por um caminho desolado em direção a um antigo casarão. A construção situava-se na beira de um penhasco agredido pelas ondas do mar furioso. Aquele entardecer prenunciava chuva e frio.

Ao chegar na casa, entrou cautelosamente para logo constatar que estava deserta. Após seguir por um corredor estreito, encontrou uma porta aberta.

“Será que ela saiu por aqui?” – viu que a porta comunicava a um espaço de poucos passos até o abismo – “Você se matou, Carla?” – perguntava-se intrigada – “Por que será que essa hipótese não me parece real?”

–Há várias formas de suicídio, minha filha. – a voz de Sihamy se fez ouvir

–Maama? – não conseguia vê-la

Uma súbita rajada de vento inesperadamente arrebatou a detetive, que se viu caindo abismo abaixo.

–NÃÃÃOO! – gritou apavorada”

–AH! – acordou em pânico – Minha Nossa, AHHa! – olhou para todos os lados – Graças a Deus! Foi só um pesadelo! – respirou fundo

### Capítulo 3: Ocultações

—Vamos recapitular os fatos: – Artemis dizia – Carla Morheb, 45 anos, solteira e sem filhos, sem família além da meia irmã, psicóloga bem-sucedida, saudável, desapareceu portando o celular a princípio na sexta-feira após o carnaval, não tendo sido vista por mais ninguém. Nenhum registro encontrado em hospitais, emergências ou IMLs de toda região metropolitana. Nenhum registro de viagem... Mulher descrita como bem-humorada e simpática, avessa às redes sociais, não apresentou qualquer comportamento suspeito que denunciasse a intenção de desaparecer. Suas últimas atitudes indicam que andava revendo fotos antigas e que desenhou uma imagem que pode ser lida como uma radiografia interior.

—Sim! – Katrina concordou – A cama de hospital remete à doença, possivelmente ligada à morte da maama, ao mesmo tempo em que o braço algemado sugere o aprisionamento. Algo como “não consigo sair desse lugar”! Ela sente culpa, está fixada na perda, não consegue avançar para o futuro e, no desespero, se refugiou no passado. Na época que entende ter sido a mais feliz! – deduzia – Talvez o “não confie nela” recentemente escrito na foto refira-se a si mesma. – andava em pequenos círculos – Jubinha desmantelou a cena investigativa quando encomendou a faxina, mas disse que o apartamento estava desarrumado e que Carla era alguém muito organizada; isso indica mudança de prioridades e depressão.

—E por que você descarta a hipótese do suicídio?

—Existem várias formas de suicídio! – olhou para a chefe – Alguém como Carla não iria às vias de fato porque ela conhece a dor que isso traz para todos.

—Como você tem tanta certeza?

—Porque também tenho um suicida na família e entendo como Carla se sente!

—É notório que vocês duas têm muitas semelhanças. Não se perca na identidade dela e nem deixe que ela se perca na sua!

—Não comecei nisso ontem, chefia! Nossas semelhanças me ajudam a entendê-la e futuramente encontrá-la.

\*\*\*

Katrina dedicava-se totalmente ao caso. Estudando a vida de Carla à exaustão e perseguindo pistas por mínimas que fossem, descobriu o endereço do último médico que tratou de dona Maria e marcou uma consulta.

—Então o senhor foi o último médico a acompanhar o caso da dona Maria... É muito importante que me fale tudo que possa lembrar, porque precisamos descobrir o paradeiro de Carla!

—Não só o último como o mais persistente. Tratei dona Maria desde a pandemia, quando tudo começou. E sempre tive a Carla em alta conta. Em quase 50 anos de trabalho nunca vi uma

filha tão dedicada, por isso fiquei muito comovido ao perceber o quanto a culpa dilacerava aquela alma!

—E como o senhor percebeu isso?

—Estive no enterro e conversamos um pouco. Não era preciso ser muito inteligente para perceber. Eu ofereci um tratamento para ajudar, mas ela não se interessou. — pausou brevemente — Por essas e outras, quando minha secretária me disse que iria visitá-la na véspera do dia das mães eu dei força. E fiquei triste em saber que ela estava muito para baixo!

—O que? — surpreendeu-se — O senhor está me dizendo que alguém esteve com ela no sábado, antes do dia das mães? Nossa, mas isso é recente!

—Marcela chega daqui a pouco, você pode conversar com ela. — sons de porta se abrindo — Falando nela, acaba de chegar.

Minutos depois, Katrina e Marcela conversavam na recepção.

—Eu não posso te dar atenção por muito tempo, então vou tentar resumir: fui lá sem avisar, cheguei por volta das 10h, a doutora Carla ainda estava deitada, mas se levantou para me receber. Fez duas xícaras de capuccino para nós e tomamos na cama dela mesmo. Aí eu vi uns óculos quebrados no chão, estranhei, perguntei o que tinha acontecido, ela contou uma história que eu não acreditei, mas deixei quieto. — gesticulava — A gente conversou um pouco mais, eu disse palavras de incentivo e fui embora.

—A secretária dela disse que desde a sexta depois do carnaval, Carla nunca mais esteve no consultório. E todos os amigos, colegas de trabalho e pacientes afirmam não a terem visto desde então, por isso a irmã pensou que ela estava desaparecida há quase três meses. — contava o que ouviu — Dizem que ela não respondia mensagem de aplicativo, não atendia telefone, simplesmente sumiu! Como você conseguiu contato tão facilmente?

—Como eu disse, fui sem avisar! — repetiu — Simplesmente cheguei no condomínio, me anunciei para o porteiro, ele interfonou, ela autorizou e eu subi. Não tem mistério! Se quer saber, o porteiro era até um bigodudo com uma teia de aranha tatuada na careca.

“Não conheci esse quando entrevistei os funcionários.” — Katrina pensou — E... você crê que ela ficou recolhida em casa desde depois do carnaval até o dia da sua visita?

—Pode até ser, porque a casa estava no maior aspecto de bat caverna! A senhora deve ter reparado nisso quando esteve lá.

“Não, porque Jubinha mandou dar uma geral antes da minha visita!” — pensou contrariada — E ela disse o que iria fazer no dia das mães?

—Falou que iria ver belezas, mas não entrou em detalhes. Só sei que não viajou com a irmã, como me disse que aconteceu no carnaval. — ajeitou-se diante do computador

“O que!” — pensou em choque — Sabe se elas costumavam viajar juntas?

—Não, ela viajava com a mãe. — suspirou — Senhora, me perdoe, mas agora eu realmente preciso trabalhar. Daqui a pouco o próximo paciente chega.

—Tudo bem. Obrigada. – levantou-se – Agradeça ao doutor por mim, por favor. – despediu-se e partiu – “Sinto que é hora de uma nova conversa com a Jubinha arrepiada!”

\*\*\*

—Temos algumas inconsistências aqui e vou precisar de sua ajuda para esclarecer. – Katrina encarava a mulher – Por que você não me disse que sua faxineira encontrou duas xícaras com resto de café em cima da cama da Carla quando foi faxinar o apartamento dela? – perguntou à queima roupa

Corou imediatamente. – Ah, porque eu não sabia...

—Sabia sim! – retrucou – Procurei por ela para uma segunda conversa e a mulher me confessou que você mandou esconder isso da polícia e de mim. – percebeu o constrangimento – Aquela louça foi usada durante a visita da secretária do médico da mãe dela! Visita essa que aconteceu na véspera do dia das maamas!

—Não pode ser! Carlinha sumiu desde o fim do carnaval, isso não tem sentido!

—Tem sim, porque fiz uma busca até encontrar o ex-porteiro que estava de plantão no dia da visita e ele me confirmou a história. – percebeu o espanto da outra – Através dele também consegui contatar uma ex faxineira do prédio, que me disse que Carla ficou reclusa em casa pelo menos até a dispensa dela, que foi exatamente no dia das maamas! O condomínio mantinha alguns funcionários em condições irregulares e decidiu se livrar deles naquele domingo, que coincidiu com o término do mandato do antigo síndico! Creio que por isso não mencionaram sobre eles quando estive lá investigando pela primeira vez. – esperou a reação

—Cara... – estava nitidamente desconcertada – Então ela não sumiu desde o final de fevereiro, mas desde o dia das maamas! Como ninguém soube disso?

—Talvez porque ninguém tenha feito como a secretária, que ao invés de ligar e mandar mensagens, foi diretamente para casa da sua irmã!

—Ah, mas quem faz isso hoje em dia, porra? – respondeu na defensiva – Depois dessa, fica até difícil saber quando ela sumiu! Além do mais que as câmeras do condomínio estavam fora do ar e o ex síndico fingia não saber, não é?

—Consegui acesso às imagens das câmeras de um estabelecimento comercial em frente ao condomínio e uma delas pega a portaria frontal. – explicou – Graças a isso pude ver Carla saindo no domingo das maamas, mas não há registros mostrando um retorno.

—Gentem e para onde será que ela foi? – levantou-se agoniada

—No cemitério não foi, porque desde o início pesquisei.

—Carlinha só ia em cemitério quando tinha enterro... Não sei o que dizer!

—Então me diga por que escondeu que ela passou o carnaval com você? – mais uma vez percebeu o choque – Pesquisei suas postagens e constatei que estranhamente você não registrou o evento inteiro como é de seu feitio! Por que mentiu para mim e para polícia sobre isso?

—Meu Deus... – o coração acelerou

—Explica de novo quando e como você deu falta dela e por que procurou por nós. — levantou-se também

—Que foi, está desconfiando de mim agora? Acha que eu fiz o que, que matei ela? — estava emocionada

—Eu quero saber tudo que está me escondendo! — parou bem diante dela — Até hoje não engoli a história de mandar fazer faxina no apartamento! Sem contar essa mentira sobre o carnaval! — olhava nos olhos — Você sumiu com algumas coisas de lá, porque voltei sozinha, vasculhei tudo e não encontrei os óculos quebrados, por exemplo.

—Óculos quebrados? — afastou-se perturbada — Eu não sei do que você está falando!

—Para me esconder a verdade! — insistiu

Jubinha respirou fundo e caminhou até a janela da sala.

## Capítulo 4: O Encontro

—Antes de você, a polícia foi naquele apartamento e mexeu em tudo! Se acharam óculos, eu não sei. O que eu fiz, foi realmente pedir uma faxina e tirar de cena tudo que deixasse óbvio uma coisa que quase ninguém sabia: Carla era lésbica. — virou-se de frente para outra — Ela sempre foi uma irmã maravilhosa, então me cabia defender a imagem dela! Se nunca se assumiu é porque tinha motivo; de repente não perder clientes, não manchar a reputação, não sei. — os olhos marejaram — Menti sobre o carnaval, porque levei ela comigo para ver se conhecia umas garotas para que pudesse curtir, se sentir melhor... Ela viajou super na moita para não dar pinta, mas não entrou no clima... estava deprimida; fato! — derramou uma lágrima — Sobre as xícaras, uma delas tinha marca de batom e Carla não se maquiava. Pensei que, de repente, fosse uma ex que foi lá para conversar, não sei... Aí mandei esconder para ninguém deduzir o que eu não queria que fosse escancarado. — confessou — Mas eu juro que não sabia que a visita tinha acontecido tão recentemente! Eu achei que ela quisesse um tempo para si, não procurei mais depois da viagem e o resto é o que já disse antes: procurei por ela para dar um alô preocupada em como estaria no dia das mães, estranhei a falta de resposta, liguei para o consultório, liguei para geral, fui ficando com medo... — mais lágrimas — Fui na polícia, não senti firmeza e pensei em vocês! Se o que fiz é crime, paciência. Agora se puder sair da minha casa, agradeço. Tô me sentindo a pior irmã do mundo porque estava esse tempo todo enganada sobre o dia em que ela sumiu e preciso ficar sozinha! Nem vou gravar hoje...

—Antes que eu vá embora, só me diga uma última coisa: sabe se Carla tinha alguma viagem marcada que foi impedida pela pandemia?

Pensou antes de responder. — Ela e a mãe iam ver o início da florada dos ipês em maio...

\*\*\*

Katrina seguia para um dos parques mais floridos do coração do Brasil. Acreditava em sua intuição.

Uma mulher parada próxima ao lago lhe despertou. “É ela!” – acelerou o passo – Carla Morheb?

A morena virou-se de frente e Katrina paralisou. Estava simplesmente diante de si mesma.

– Parece que finalmente você se reencontrou. – Sihamyia falou – Por favor, filha, nunca mais se perca!

O espaço pareceu se transformar e Katrina já não sabia onde se encontrava.

– Maama! – os olhos marejaram – Eu sinto tanto... – ajoelhou-se – Perdoe por todas as vezes em que errei com a senhora, porque essa culpa me destrói!

Emocionou-se. – Cada vez que você se descontrolava e era dura comigo, quando me dizia o que eu não queria ouvir... era como se cravasse uma faca no meu peito. – pausou brevemente – Mas você fazia tudo por mim, trabalhava demais, era privada de sono... eu entendia isso. – derramou uma lágrima – Você foi minha companheira a vida toda, nunca me abandonou, era amorosa e fez o melhor que podia fazer. Eu não conheço filho que se doaria como você!

– Imploro perdão... – chorava

– Quem tem que te perdoar é somente você, meu amor! Eu nunca te condenei!

– Eu te amo, maama!

– Eu também, bintii!

– Katrina, pelo amor de Deus, me responde! – Artemis dava-lhe tapinhas no rosto – Luda, chama logo essa ambulância!

– Tô ligando, Art!

A detetive lentamente abriu os olhos e se surpreendeu ao se ver deitada no colo da chefe. – Uai? – chacoalhou a cabeça e se sentou – Vocês também vieram para Goiânia?

– Hellooo, você está em casa, honey! – Luda interrompeu a ligação – A gente veio pelo teu sumiço!

– E arrombamos sua porta. Mas pode deixar que eu pago o prejuízo. – Artemis complementou

Olhou para todos os lados e viu que a casa estava uma bagunça: fotos e desenhos espalhados, xícaras com resto de café e os óculos quebrados. – Ah... e o caso da Carla Morheb? Irmã da Jubinha, a influencer que Luda venera!

– Oi? – Artemis estranhou

– Então... foi tudo um sonho... – concluiu

– O apartamento é que está um pesadelo, não é? – Luda reparou

– Você está bem? – Artemis insistiu – É melhor a gente ir para um hospital!

– Não! – levantou-se – Eu já me reencontrei, era disso que precisava! – olhou para cima – E pretendo nunca mais me perder de novo!

## O Reflexo do Que Restou do Horizonte de Eventos, de Lady Texiana

### CAPÍTULO 1 - O Horizonte de Eventos

A reentrada na atmosfera não foi um mergulho pacífico, aliás, nunca era, todos os cinco astronautas daquela missão sabiam disso. Quando a cápsula Odyssey atingiu a ionosfera, o escudo térmico não enfrentou apenas o atrito com o a atmosfera ionizada; uma fenda de distorção temporal, uma espécie de ranhura no tecido do espaço-tempo, vazando antimatéria de outra dimensão - restos da missão de cinco meses em solo lunar - envolveu a nave.

Por cinco minutos do blackout, do silêncio absoluto no rádio, quando a capsula estivera envolta em chamas plasmáticas, Selena não estava apenas caindo, atraída pela gravidade da Terra; ela estava estagnada em um ponto onde o passado, presente e o futuro colidiam e misturavam-se, para depois se quebrarem em mil pedaços.

O impacto do splashdown no Oceano Pacífico foi brutal, um dos paraquedas de frenagem apresentou defeito e não abriu corretamente. Com a entrada quase balística, a desaceleração de 8g comprimiu seus pulmões e a carne contra seus ossos, mas foi o súbito deslocamento temporal que estilhaçou sua mente; quando a cápsula atingiu a água, a realidade vibrou como cordas de um violino.

Selena não sentiu o balanço familiar das ondas, mas o peso de um invólucro vazio, escuro e frio na sua mente. O resgate a encontrou em choque, mas o verdadeiro horror começou logo na quarentena. A anomalia a seguira, uma distorção residual temporal como vagalhões de anacronia, transformando seu retorno ao lar em uma descida espiralada e vertiginosa ao submundo da sua consciência.

O apartamento 555 cheirava a poeira estelar e a alguma mistura metálica e acre. Selena atravessou a sala, ainda sentindo a vertigem da reentrada. Sarah não estava lá para recebê-la. No centro do tapete azul índigo, jaziam jogados os óculos dela, as lentes estilhaçadas como se tivessem sofrido uma descompressão súbita e destrutiva no vácuo.

Ao tocar a delicada armação retrô, a anomalia temporal em seu córtex sensorial disparou. O vidro quebrado agiu como um prisma de eventos, dispersando as cenas em flashes difusos, coloridos, nauseantes. Através das lentes trincadas, Selena viu a sala se desdobrar em múltiplas linhas do tempo.

Em uma delas, Sarah sorria vibrante; em outra, ela cantava uma canção de ninar e embalava ternamente a filha de ambas; nas outras duas, fragmentos dos momentos passados juntas; na quinta - a que a anomalia destacava os detalhes horrendos - Sarah gritava, devorada por estranhas entidades compostas de pura entropia, absolutamente sem nexos algum, sem começo, meio ou fim.

Eram sombras feitas de tempo puro e estático, seres que se alimentavam de momentos não vividos. Selena percebeu que a distorção na reentrada havia substituído sua Sarah por um vácuo escuro, vazio e inerte. A mulher que ela amava fora apagada pelo tempo, substituída por um borrão cinzento que ela agora tentava assimilar.

Cambaleando, Selena foi até o quarto, a bile prestes a subir pela garganta; o desespero fazia brotar gotas de suor em sua testa, apesar da sensação do frio sentido no Pacífico quando fora resgatada - que agora retornava com tal intensidade que parecia congelar seus ossos, enquanto a força gravitacional voltava a esmagar seus pulmões com tanta força, que ela perdeu o fôlego.

A anomalia criou um novo loop sensorial: de repente, o frio do Pacífico desapareceu, substituído pelo calor de um domingo bom, desses das memórias boas que ficam para sempre. O aroma de café fresco e torradas com manteiga e geleia de morango era tão denso que parecia palpável, mas sob a análise técnica de sua mente científica, o cheiro tinha um sabor metálico, o ruído da estática da radiação cósmica de fundo, o velho Big Bang impondo sua presença em decibéis agora muito desconfortáveis.

Na cama, uma projeção em espiral de Sarah apareceu, segurando uma bandeja.

- Você demorou tanto na Lua, Selena... tome seu café, meu anjo. Agora o tempo não importa mais.

Selena estendeu a mão, mas hesitou. As xícaras de café na bandeja não fumegavam com vapor de água, mas com partículas de luz branca que vibravam na frequência exata daquela anomalia de reentrada, resquícios de radiação cósmica. Era uma espécie de "assombração de felicidades passadas" - uma armadilha temporal e uma ilusão mortal. Se Selena aceitasse o café e se deitasse naquela cama, ela se tornaria parte do loop, presa para sempre em uma memória, enquanto seu corpo físico desaparecia no presente.

- Isso é como o horizonte de eventos na borda de um buraco negro - sussurrou Selena, a voz trêmula. - Se eu entrar, nunca mais poderei sair, nunca haverá um amanhã!

O quarto começou a sofrer uma mutação súbita sob o efeito da distorção temporal. As paredes de gesso tornaram-se azulejos brancos e frios; a luz do sol tornou-se o brilho clínico das lâmpadas brancas de uma ala de isolamento. O chão transformou-se em metal gradeado, idêntico ao convés do navio de resgate da capsula. No centro, uma cama de hospital de ferro, com marcas visíveis de deterioração, rangia sob uma pressão invisível.

Sarah estava lá, presa pelos pulsos por algemas que pareciam ser feitas das sombras de um eclipse, mas que cintilavam com o mesmo azul elétrico da ionosfera. Aquilo era o trauma da espera manifestando-se: o aprisionamento de quem fica em terra, acorrentada à incerteza da volta segura do espaço da pessoa amada.

Uma voz feminina, distorcida e aguda, emanando de uma das mulheres na foto do grupo de amigas (as quatro que Sarah sempre mencionava como seu porto seguro, sua rede de apoio e suporte), ecoou pelas paredes, enquanto uma folha de papel com letras vermelho brilhantes pairava suspensa no ar sobre a cama:

- Não a deixe sofrer, Comandante. Assine esta rendição. Admita que é um erro. Admita que o espaço a roubou de nós e aquelas algemas cairão.

Nas paredes de azulejo, arranhões profundos começaram a formar palavras: NÃO ACREDITE NELA. Era a consciência de Selena lutando contra a alucinação temporal.

O ar ao redor pareceu sofrer uma ondulação, espalhando partículas cortantes como lâminas, de poeira de regolito - a poeira lunar - que cobriram o espaço com um silêncio agonizante. Do

meio desta ondulação, surge a materialização do " Cavaleiro Cambaleante da Gravidade" - a personificação amorfa da falha na reentrada. Era a entidade etérea de outra dimensão, que estava usando a imagem familiar da foto para induzir Selena a um colapso mental e a negar a si mesma.

O monstro, composto de antimatéria, a impelia a aniquilar a tudo: carreira, as longas horas de estudos, o treinamento, a própria sanidade, absolutamente tudo. Aquele era um personagem de culpa: a culpa que a assolava a cada longa hora que passava longe de casa, quando Sarah mais precisara dela, de seu apoio e suporte na maternidade, quando a filha de ambas nascera. Ela sempre estava longe, sempre ocupada com algum outro novo projeto.

- Eu não sou um erro ou uma anomalia! - Selena gritou com aquele monstro, lutando para não sucumbir ao desespero paralisante, segurando a foto das quatro amigas contra o peito. - E meu amor por Sarah e nossa filha não é uma falha crítica na inserção orbital!

As algemas de umbra total explodiram em fagulhas elétricas azuis. O hospital começou a se fragmentar em minúsculos pedacinhos brilhantes, psicodélicos, as paredes voando como estilhaços de uma nave estelar em desintegração na imensidão cósmica gelada e sem vida da morte térmica do Universo. No fim do corredor escuro, surgiu uma porta que emitia uma luz branca cegante - a mesma luz do sol refletida no oceano no momento do splashdown.

Era o ponto de saída da anomalia. Selena correu, sentindo a força da gravidade tentando esmagá-la novamente. Ela soube que precisava sair por aquela porta para realinhar sua linha do tempo com a de Sarah. No auge do desespero, ela invocou a imagem da amada, gravada no subconsciente como uma chave de frequência ultrassônica. Aquele momento de conexão pura, teve o poder de ancorar Selena à realidade através do amor sentido por sua amada e sua filhinha.

Ao atravessar a porta, Selena não encontrou o vácuo, mas o corredor da área de quarentena da agência espacial onde deveria estar. A luz branca diminuiu, revelando médicos e rostos conhecidos, que a conduziram novamente para dentro do quarto. Ela sentiu o impacto tardio do oceano em seus ossos, a umidade do mar ainda persistente, entranhada em seus poros, os dentes batendo de pura exaustão.

A porta do quarto de isolamento se abriu novamente. Não era uma assombração ou a anomalia temporal. Sarah entrou, os olhos vermelhos de choro e alívio, segurando a filha nos braços e firmemente apoiados sob o nariz, a mesma armação de óculos que Selena vira quebrada - mas agora, eles estavam inteiros, refletindo apenas a luz das lâmpadas fluorescentes.

- Você finalmente voltou para casa... pensei que nunca mais acordaria - Sarah soluçou, abraçando-a. Selena chorou no ombro da esposa, sentindo o pulso firme da realidade. Acariciou os cabelos macios da filha.

- Por quanto tempo fiquei inconsciente? Foram apenas algumas horas... talvez umas cinco, não foram? - Selena perguntou, a voz um sussurro contra o pescoço de Sarah.

- Foram cinco longas semanas, realmente longas... - respondeu a amada, beijando-a com delicadeza nos lábios. - Mas agora está tudo bem, você voltou para nós.

A anomalia passara, mas enquanto olhava para a porta aberta, a Comandante sabia que uma parte dela sempre estaria em guarda.

Uma vez que você navega pelas dobras do tecido do espaço-tempo e sobrevive ao que restou, depois de passar pela dilatação gravitacional no horizonte de eventos de onde nem mesmo a luz consegue escapar, você entende que a maior distância a ser vencida não é o vácuo entre a Terra e a Lua, mas os poucos parsecs de incertezas que separam o colapso de sua consciência do calor do primeiro "eu te amo" nos braços da pessoa amada.

## Não acredite nela, de caribu

### Introdução

Às 21h55, Liz já deveria estar em casa, no conforto de seu lar, de preferência debaixo das cobertas, enrolada em Marcelle, que costumava esperá-la para dormirem juntas.

Em vez disso, observava, a quilômetros de distância, o que parecia ser sangue diante de um sofá reformado enquanto o ventilador de teto espalhava um cheiro estranho de café frio pelo galpão. A primeira coisa que percebeu sobre o local foi o silêncio; não era exatamente um silêncio vazio, mas interrompido. Parecia que alguém tinha acabado de sair dali segundos antes. Fugindo, provavelmente. Correndo, com certeza.

As luzes estavam acesas – uma fileira delas, de LED, tão incômodas quanto as testemunhas que permaneciam no local. Tão artificiais quanto a cena que parecia montada. Liz seguia concentrada no sangue seco quando a iluminação branca revelou o restante do espaço. Um computador permanecia ligado sobre a bancada de madeira e o café gelado em uma caneca manchada aguardava por um gole que jamais viria. Intocado. E bastou apenas um sinal sutil feito com a cabeça para que Felipa compreendesse e, com a câmera do celular, registrasse o objeto inanimado.

Felipa só parou de fotografar para telefonar para Rute. A perita era especialista em cenas de crime e costumava acompanhar as policiais em quase todos os casos, talvez por ser uma das poucas pessoas que jamais reclamava do horário em que era chamada.

Na parede de concreto, entre fotografias, recortes de revista e anotações feitas com caneta vermelha, Liz observou uma confusão de informações que englobava mapas mentais, post-its numerados, diagramas circulares e sequências matemáticas que ela foi incapaz de compreender à primeira vista. Ainda assim, fotografou tudo. Sabia que, mais tarde, ela, Felipa e Rute passariam horas montando aquele quebra-cabeça.

Ao se mover em direção à mesa de trabalho, Liz reparou nos estilhaços espalhados pelo chão. O material lembrava vidro de copo quebrado, mas no local não encontrou nada parecido que justificasse aquilo, visto que os únicos utensílios por ali resumiam-se a canecas de cerâmica e duas ou três colheres. “Ok, isso é estranho”, pensou, mas não falou nada. Mantinha-se em silêncio, desde a sua chegada, no intuito de ouvir o que as testemunhas relatavam ao policial, que se esforçava ao máximo para anotar tudo o que era dito. As três jovens falavam ao mesmo tempo, atropelando frases, versões e detalhes. Liz permaneceu quieta, atenta.

– Quando cheguei, já estava tudo assim – disse a primeira – Veja o café intacto! Veja o computador ligado!

– A Mirela jamais sairia daqui sem apagar as luzes, sem trancar as portas... – relatava a segunda – Você sabe o valor desse computador?

– Tem sangue no chão! Tem vidro quebrado! Alguma coisa séria aconteceu! Vocês precisam descobrir o que houve aqui! – bradava a terceira.

Liz não respondeu nada. Continuou observando o vidro no chão enquanto as três jovens seguiam atrás dela atropelando hipóteses, receios e suposições. Agachou-se diante da mancha escura próxima ao sofá e aproximou dois dedos do piso frio sem chegar a tocar o sangue.

Havia algo errado naquilo. Obviamente, solicitaria uma análise laboratorial, mas percebeu de imediato que o cheiro não condizia com sangue. Mesmo misturado ao café envelhecido e ao ar abafado do galpão, o odor metálico esperado não estava ali. Em seu lugar, restava apenas um aroma químico, adocicado demais para passar despercebido. Artificial.

Liz ergueu os olhos lentamente para o restante do ambiente. Olhou para o computador ligado. Para as luzes acesas. Para o vidro quebrado. Para as testemunhas nervosas. Depois, novamente, para o sangue. Tudo era excessivamente visível. Parecia que alguém havia organizado a cena pensando não só em fugir, mas em ser encontrado.

As três mulheres continuavam falando sem parar atrás dela, todas ao mesmo tempo. Liz já nem tentava mais separar uma frase da outra quando ouviu o pigarro discreto de Felipa. A parceira, sempre muito solene, dificilmente chamava a atenção sem que houvesse um bom motivo. E bastou aquilo para fazer Liz erguer os olhos.

A policial estava parada diante da bancada de madeira, encarando a tela do computador com a expressão endurecida.

– Acho que você vai querer ver isso – Felipa disse, movendo-se alguns centímetros para que Liz se aproximasse.

No monitor do computador havia dezenas de arquivos abertos ao mesmo tempo. Os links levavam a fotografias, diagramas, linhas curvas desenhadas sobre rostos humanos e uma sequência numérica repetida tantas vezes que se tornava impossível ignorá-la: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21...

À primeira vista, pareciam apenas anotações desconexas perdidas entre diagramas e palavras circuladas em vermelho, mas Liz observou que os números estavam em todos os lugares. Repetiam-se em nomes de arquivos abertos na tela do computador. Em folhas diferentes de uma agenda toda rabiscada. Em anotações escritas nos post-its.

Liz estreitou os olhos. Aquilo não era aleatório, embora parecesse.

Sobre a bancada, um caderno permanecia aberto ao lado do teclado. As páginas estavam preenchidas por espirais desenhadas à mão, algumas delas atravessando fotografias impressas do rosto de diversas pessoas. Linhas curvas atropelavam olhos, bocas e maxilares até que os rostos deixassem de parecer humanos e passassem a lembrar diagramas. Mirela parecia ter transformado pele em cálculo.

– O que é isso? – Liz perguntou. Era a primeira vez que falava, desde que chegara ao galpão. As três jovens finalmente se calaram. A mais baixinha desviou o olhar primeiro.

– É uma pesquisa da Mirela – respondeu uma delas, um pouco hesitante – Ela estuda padrões.

– Padrões de quê? De... matemática? – Liz questionou. Era uma dúvida genuína, mas nenhuma das jovens a respondeu.

Lá fora, uma sirene ecoou ao longe, sinalizando a chegada do reforço e, com sorte, da perita.

Liz desviou os olhos das mulheres, passou a vista pelo computador e deslizou a atenção para as fotografias presas à parede, num mural que era ainda mais confuso que a cena do desaparecimento de Mirela.

Naquele instante, pela primeira vez desde sua chegada, deixou de sentir que investigava um sequestro. Parecia mais próxima de entrar na cabeça de alguém.

## Capítulo 1

O relógio da delegacia marcava 1h34 quando Liz finalmente se sentou. Com os braços apoiados na frieza da mesa de metal, fez uma careta ao tomar um gole de café, no mínimo, duvidoso. Absorta entre mil pensamentos, observou a fotografia, por cima da borda do copo plástico. O porta-retrato havia se quebrado no galpão, mas a imagem permanecera intacta. As quatro jovens apareciam lado a lado, próximas o suficiente para sugerirem certo grau de intimidade.

Mirela estava no canto, à direita. Era a única sorrindo.

Liz inclinou a cabeça enquanto observava a fotografia mais de perto, com os olhos cansados, embora atentos. Não se tratava de um sorriso exagerado, mas ainda assim chamou sua atenção. Enquanto as outras exibiam sorrisos discretos e reservados, Mirela parecia bastante confortável diante da câmera, como se soubesse de algo que as outras ainda desconheciam.

Ela encarava a lente como quem participava de uma piada que mais ninguém ria.

Do lado de fora da sala, vozes femininas ecoavam pelo corredor da delegacia enquanto a chuva começava a bater contra as janelas do prédio. A porta abriu-se logo depois.

A primeira testemunha entrou evitando encarar a fotografia sobre a mesa. Liz percebeu isso imediatamente.

– Tainá Ribeiro? – perguntou, mais por formalidade. Sabia quem era a interrogada, que se sentou de cabeça baixa, acenando como resposta. Tainá era a primeira moça à esquerda na foto junto com Mirela.

– Não acredito que isso esteja acontecendo... – ela falou, esfregando os olhos com força. Apesar do tom choroso, porém, não havia indício de lágrima em seu rosto – Quando cheguei, o café dela ainda estava quente... Estamos perdendo tempo aqui!

– Curioso, seu depoimento no galpão foi diferente. Ao ser questionada, você inicialmente disse que o local estava vazio fazia mais de uma hora quando chegou.

Liz deslizou a fotografia pela mesa, posicionando-a entre as duas.

– Há quanto tempo se conhecem?

Tainá demorou para responder. Manteve os olhos presos nas próprias mãos, os dedos inquietos arranhando a superfície da mesa fria.

– Uns quatro anos.

– “Uns”?

A jovem ergueu a cabeça lentamente para poder encará-la, mas logo desviou. Não sustentou o olhar inquisitório de Liz nem por três segundos.

– Quatro anos, sete meses e 15 dias. Aproximadamente.

Liz não disse nada sobre a correção tão precisa, apenas assentiu, observando-a. Fez a anotação sobre o detalhe em seu bloco de notas mental.

– Vocês trabalham juntas naquele galpão?

– Mais ou menos... A Mirela alugou o espaço já tem um tempo. Ela fotografa, edita vídeos, faz umas pesquisas...

– Pesquisas sobre o quê? – Liz indagou, analisando a hesitação de Tainá, antes da resposta. Foi breve. Ainda assim, a policial percebeu.

– Inteligência artificial. Reconhecimento facial. Comportamento humano, essas coisas.

– Você entende do assunto?

– Sou apenas uma leiga – Tainá ergueu os ombros um instante depois de responder, num gesto lento demais para parecer espontâneo.

Liz cerrou os olhos, observando-a. A resposta saiu pronta, sem sombra de hesitação. Foi respondida como se ela já conhecesse a pergunta. “Rápida demais”, pensou, apoiando as costas na cadeira. “Como se já tivesse sido dita”.

A policial manteve-se em silêncio por um momento, analisando o movimento dos ombros da interrogada, a ponta de seus dedos inquietos e a maneira como evitava sustentar contato visual por mais de alguns segundos.

Nervosismo era comum durante os interrogatórios.

Performance também.

– Estranho...

– O quê? – Tainá franziu a testa, encarando-a de maneira mais demorada agora. Durou cerca de 3,5 segundos.

– Você fala em “reconhecimento facial” com bastante naturalidade para alguém que “é apenas leiga”.

– Era impossível conviver com a Mirela sem ouvir sobre isso o tempo inteiro – Tainá volta a erguer os ombros, agora de maneira mais natural.

A chuva aumentou lá fora. No mesmo instante, Felipa entrou na sala. A policial se posicionou atrás da parceira e manteve-se em pé, sem dizer uma palavra.

Liz permitiu-se ficar em silêncio por alguns instantes, deixando o desconforto crescer devagar entre elas. Tainá logo cedeu.

– É que... a Mirela é meio obcecada por padrões – a frase saiu em tom de desculpa.

– Padrões?

– Sequências. Proporções. Rostos. Simetria. Essas coisas.

Liz lembrou imediatamente das espirais desenhadas sobre as fotografias espalhadas pelo galpão. E, aparentemente, Felipa também, visto que seus olhos se contraíram por um instante em uma microexpressão quase imperceptível, mas que Liz conhecia bem.

– E isso incomodava vocês?

– Uhum, um pouco, às vezes, sim.

– “Vocês”? – Liz insistiu, reforçando o plural.

– É, quero dizer... as meninas. É só perguntar para elas, ué! – disparou, totalmente na defensiva – Por acaso eu sou considerada suspeita pelo sumiço dela? Devo chamar algum advogado?

– Você não gostava das pesquisas dela? – Liz continuou, ignorando as perguntas de propósito.

– Não é isso...

– Então o que é?

Tainá apertou os lábios antes de responder. Deu uma fungada, parecendo só agora se lembrar de que estava chorando lá fora, enquanto aguardava.

– É que a Mirela começou a agir estranho nos últimos meses.

– Estranho como? – Liz descruzou os braços e se apoiou na mesa, inclinando-se na direção da interrogada.

– Como se estivesse... escondendo alguma coisa da gente ou coisa do tipo – Tainá respondeu, pensativa. E retomou, sem que Liz insistisse – Não sei, parecia que ela estava sempre... sei lá, planejando algo. Eu realmente não sei, não sou policial!

Liz desviou os olhos para a fotografia sobre a mesa. Mirela continuava sorrindo sozinha.

– Vocês vão acessar o computador dela? – Tainá então perguntou, provocando um suspiro pesado de Felipa como resposta.

– Provavelmente, sim. Por que quer saber?

– É que tem coisas que ela não gostaria que vissem. Arquivos pessoais, fotos...

– Você não quis ver essa fotografia quando entrou – Liz empurra a imagem em sua direção, forçando-a a olhar.

Então Tainá finalmente encarou a foto. Por um instante, Liz teve a impressão inquietante de que ela não olhava para Mirela com saudade: olhava com receio.

## Capítulo 2

O saco plástico transparente e lacrado, estampado com o brasão da polícia de Ecila, deslizou pela mesa da sala de interrogatórios até parar diante de Liz, às 2h01 da manhã. Dentro dele, os óculos de Mirela refletiam a luz da delegacia em pequenos fragmentos irregulares. A armação permanecia intacta, mas uma das lentes estava partida ao meio, trincando o vidro numa espécie de asterisco.

Felipa cruzou os braços após entregar o objeto, numa postura conhecida. Sua feição deixava nítido o quanto estava cansada. Mas seus olhos ainda brilhavam, revelando que, assim como Liz, ela não estava disposta a ir embora antes de entender o que havia acontecido com Mirela na noite passada.

– Encontraram na esquina atrás do galpão. Pelas fotos que vimos no computador, esses óculos pertencem a Mirela, embora ela quase não apareça usando – Felipa falou, assim que Tainá deixou a sala.

Liz observou os óculos em silêncio.

Mais vidro quebrado.

Demorou a perceber que segurava o copo sujo de café com força demais. Havia anos desde o último sequestro registrado na cidade.

– Algum vestígio de sangue? – perguntou.

– Não, nada aparente.

– E quanto ao sangue no galpão...?

– Ainda segue inconclusivo. Mas o resultado da análise logo sai.

Liz apertou os olhos. A lente rachada deformava seu reflexo quando inclinava o saco sob a luz. Seu rosto dividia-se em vários ângulos diferentes.

Identidade fragmentada. Reconhecimento comprometido.

Além dos óculos, Mirela tinha deixado muita coisa para trás, considerando tudo o que a polícia havia encontrado no galpão, como o computador e as câmeras fotográficas caras. Mas seu desaparecimento não se enquadrava nos padrões conhecidos de sequestro, visto que ela (ou as amigas) ainda parecia controlar a própria ausência. Liz então tinha o trabalho de provar que não se tratava de um crime erradicado há quase uma década, e a resposta poderia ser encontrada com as próximas interrogadas.

A porta da sala abriu-se sem que pudesse seguir com a linha de raciocínio. A segunda testemunha entrou na sala de interrogatórios sem pedir licença.

– Ai, ela odiava ter que usar esses óculos... – Celina disse, num tipo de “boa noite” em tom de deboche. Sua postura era autoritária, quase agressiva, com o queixo apontado para o alto.

Liz ergueu os olhos para encará-la, registrando mentalmente o verbo dito no passado. Falas assim eram comuns em casos de desaparecimentos e sequestros, mas nada na situação de Mirela era exatamente costumeiro, então o comentário imediatamente lhe chamou a atenção.

– É mesmo? Odiava por quê? – a policial questionou, vendo a mulher sentar-se sem cerimônia. Na fotografia que permanecia disposta sobre a mesa, Celina aparecia posicionada entre Tainá e Lorena.

– Porque a Mirela dizia que as lentes distorciam as proporções dela – o tom de ironia permanecia – Ela acreditava que os rostos humanos obedecem a padrões matemáticos e os óculos quebravam a harmonia dela. Mas na verdade, só ficava com cara de nerd, que ela sempre foi.

– Que tipo de padrões matemáticos?

– Ai, sei lá. Ela sempre vinha com um papo super chato sobre proporção áurea, simetria facial e baboseiras do tipo – a mulher revirou os olhos, com desdém – Vivia falando que a inteligência artificial aprende a distinguir as emoções faciais do mesmo jeito que os humanos aprendem a confiar uns nos outros.

Liz permaneceu quieta, apenas observando. Felipa também. Mas a interrogada, conforme previsto, não foi capaz de se conter.

– É que ela simplesmente via padrão em tudo. Rosto. Voz. Maneira de andar. Analisava até o tempo de resposta durante conversas aparentemente casuais – Celina desviou os olhos para os óculos quebrados dentro do saco plástico – Às vezes, nos fazia repetir algumas frases olhando para a câmera durante longos e intermináveis minutos.

– “A gente” quem?

– Eu. Tainá. Até mesmo Lorena, às vezes.

Liz ergueu os olhos bem devagar. Finalmente, várias peças daquele caso começavam a se encaixar, todas ao mesmo tempo.

– Para quê? – indagou, sem transparecer o que pensava.

– Para treinar o “sistema” dela – a resposta soou como se Celina dissesse o óbvio.

– Que sistema?

A interrogada soltou uma risada curta, nervosa.

– Reconhecimento comportamental. Bom, pelo menos era assim que ela chamava. Mirela precisava treinar o sistema que criou com rostos reais. Expressões reais. Microexpressões. Mentira, medo, desconforto... Aí nos fazia perguntas analisando cada reação mínima – Celina voltou a revirar os olhos – Você também faz isso, não é? – perguntou de repente.

– Isso o quê?

– Analisa as pessoas enquanto elas falam.

A postura de Celina fez com que Liz se lembrasse imediatamente do interrogatório anterior. Dos poucos segundos de contato visual. Da ausência de lágrimas no rosto de Tainá. As interrogadas apresentavam comportamentos bem distintos. Quase opostos.

– Então vocês trabalhavam para ela – a policial afirmou. Nem se deu ao trabalho de respondê-la.

– Não... Quer dizer, sim.

– Tainá disse que não.

– Então ela mentiu para você – Celina riu novamente, malvada – A Tainá mentiu para você! – repetiu, sem rir dessa vez – Ela estava lá praticamente todos os dias. Nós duas estávamos. E recebíamos pelas horas em que permanecíamos no local. Então pode ser considerado um trabalho, sim.

– Além de serem filmadas, o que mais vocês faziam?

– Testes.

– Que tipo de testes?

A jovem apertou os lábios antes de responder.

– A Mirela fazia algumas perguntas enquanto registrava nossas reações. Depois comparava os resultados com o comportamento da IA que estava desenvolvendo.

– E funcionava? – Felipa perguntou, incomodada com o silêncio prolongado.

A jovem soltou outra risada curta.

– Eu diria que sim. Ela estudou tanto essas coisas todas, que conseguia perceber pequenas mentiras rápido demais.

Liz deslizou lentamente os dedos pela borda do saco plástico com os óculos quebrados.

– Inclusive da namorada? – questionou, tendo a ausência de palavras como resposta.

Dessa vez, o silêncio não foi só um detalhe. Celina ergueu os olhos rápido demais. E foi exatamente assim que Liz descobriu sobre Lorena.

### Capítulo 3

Às 3h13 da manhã, Rute entrou na sala de interrogatório com um envelope e uma expressão que Liz já conhecia bem.

– Aquele sangue encontrado no galpão era falso – anunciou.

Liz já suspeitava. Faltava só a confirmação do laboratório.

– E o café? – Felipa inquiriu.

– Limpo também – a perita respondeu – Sem sedativos. Sem traços de droga. Sem veneno.

– Você acha que o sequestrador montou a cena? – Felipa perguntou para Liz.

– Acho que... não há vítimas nessa história – a policial respondeu, acompanhando Lorena entrar na sala, cabisbaixa – Não do jeito que imaginávamos, pelo menos.

Lorena tinha o semblante exausto, talvez porque já fosse tarde da noite, mas havia algo além do cansaço. Possivelmente desgaste.

Ela evitou olhar para Rute saindo, mas não agia como Tainá, que simplesmente não olhava para nada; nem como Celina, que olhava demais para tudo. Era um meio-termo, como não poderia deixar de ser.

Sem dizer nada, Liz colocou sobre a mesa o celular de Lorena, recém-vistoriado. Ela demorou para ver o que a tela exibia.

– Quando essa foto foi tirada? – Liz perguntou. A imagem parecia simples: apenas duas xícaras acomodadas em lençóis revirados.

– Uns dois meses atrás – Lorena respondeu, surpresa com o interrogatório começando assim.

– Quem tirou foi você ou ela?

Lorena entrelaçou os dedos com força e respirou fundo.

– Ela.

Liz observou a quietude que veio depois da resposta. Muitas vezes, o silêncio também falava bastante em um depoimento.

– Vocês namoravam desde quando? – perguntou, finalmente.

Lorena demorou a responder dessa vez.

– Há quase um ano.

Liz tornou a observar a fotografia, que dizia muito sobre a dinâmica delas. Certas pessoas confundem intimidade com acesso irrestrito.

– Ela descobriu sobre alguma traição? – Liz questionou, observando a linguagem corporal de Lorena, que mantinha a cabeça baixa.

– A Mirela pegava uma mentira antes mesmo de as pessoas sequer perceberem que estavam mentindo – ela levantou os ombros, se justificando – Começou reparando em pequenas coisas em mim: meu tempo de resposta, alguma mudança na voz, meu jeito de olhar... Dizia que, quando alguém quebra um padrão, geralmente esconde algo – Lorena voltou a erguer os ombros – Sempre falava que as emoções também seguem padrões. Que medo, culpa, mentira... tudo deixa rastros matemáticos pelo rosto.

– E aí vocês...

– Com a Tainá e a Celina era diferente – Lorena continuou, interrompendo – Elas sabiam quando estavam participando dos testes. Eu não.

A resposta saiu seca demais para soar improvisada.

– Às vezes, Mirela começava discussões sem motivo. Fazia perguntas aleatórias, mudava de assunto no meio de uma conversa... Depois me observava, aguardando que eu reagisse.

Lorena voltou a apertar os próprios dedos.

– Demorei para perceber que ela não estava conversando comigo; estava me analisando.

Ela soltou o ar devagar depois da frase, como se admiti-la em voz alta tornasse tudo mais real.

– No começo, eu achava fascinante – confessou – Ela percebia coisas que ninguém reparava, como mudanças mínimas de humor, inseguranças bobas, ansiedade... Depois começou a ficar estranho, me sentia sempre vigiada.

Liz não a interrompeu.

– Ela passou a transformar qualquer silêncio ou hesitação em uma espécie de significado que só fazia sentido para ela. Às vezes, eu mudava a maneira de responder só para evitar que ela começasse a me observar daquele jeito. Mesmo assim, ela anotava coisas sobre mim sem que eu soubesse. Horários. Mudanças de humor. Quanto tempo eu demorava para responder mensagens. Uma vez encontrei meu nome numa pasta chamada “desvios”.

Lorena soltou uma risada curta, cansada.

– O pior é que, depois de um tempo, eu já nem sabia mais o que era comportamento natural e o que era reação calculada. Foi quando reconheci que estava num relacionamento tóxico.

Liz respirou fundo, absorvendo e organizando todas as informações recebidas. Desde o início da investigação, cada uma das espirais desenhadas parecia meramente aleatória. Curvas repetidas inúmeras vezes, crescendo sempre na mesma direção, numa tentativa constante de provar que até o caos humano obedecia a uma lógica invisível.

Padrões.

Sequências.

Repetições.

Talvez, para Mirela, pessoas fossem apenas variáveis mais difíceis de calcular. Porque ela não analisava expressões faciais por motivos de obsessão estética. Tratava-se de alguém dedicada a transformar meras emoções humanas em rígidos padrões previsíveis.

– Qual o papel de Tainá e Celina nisso?

– Eram apenas cobaias... Mirela dizia que o cérebro confia mais rápido em rostos considerados “harmônicos”. Mais previsíveis. Ela estava tentando ensinar isso para a IA dela através de Celina e Tainá.

– Ensinar uma máquina a reconhecer rostos bonitos?

– Não exatamente bonitos – a interrogada corrigiu – Confiáveis.

A palavra pairou no ar por um instante, carregada de significado.

– Segundo Mirela, existe diferença – Lorena fez questão de reforçar o verbo utilizado.

– Que tipo de diferença?

– De acordo com ela, as pessoas bonitas chamam atenção. Já as pessoas confiáveis te fazem baixar a guarda. E isso torna mais fácil qualquer tipo de manipulação.

O som da chuva preenchia os pequenos silêncios entre uma frase e outra. Liz apoiou os cotovelos sobre a mesa, interessada no relato.

– E onde você entra nisso?

A jovem desviou os olhos para o saco plástico contendo os óculos quebrados.

– Ela te descobriu, de alguma forma? Te analisando, percebeu que você a traiu. Foi isso o que aconteceu? – Liz insistiu, alguns segundos depois, incentivando Lorena a dar uma resposta.

A jovem fechou os olhos por um curto instante, mergulhada num silêncio interior.

– Não exatamente. É que eu não cheguei a traí-la, entende? Foi só... um encontro.

– A quem você acha que interessaria o sumiço de Mirela? – Liz indagou, observando uma microexpressão brotar no rosto da interrogada.

– Além dela mesma... você quer dizer?

A chuva continuava batendo forte contra as janelas da delegacia. Felipa lentamente descruzou os braços.

Finalmente, Liz teve a certeza de que o desaparecimento de Mirela não era nenhum tipo de sequestro. Agora só precisava encontrá-la.

## Capítulo 4 – Final

Às 5h08 da manhã, o galpão parecia menor sem a presença das testemunhas. Sem as vozes atropelando versões e sem policiais circulando, restava apenas a estrutura crua do lugar e a luz fria ainda acesa sobre a bancada de madeira. Liz ficou alguns segundos parada próximo à entrada, observando o silêncio quebrado apenas pelo zumbido das lâmpadas de LED, recortando o computador abandonado e as espirais desenhadas nas folhas espalhadas pela parede. Na primeira visita feita àquele local, algumas (poucas) horas atrás, tudo parecera excessivo e bagunçado. Agora, começava a enxergar método. E, pior: organização.

Liz respirou fundo organizando mentalmente tudo o que havia sobre Mirela e seu desaparecimento. A esta altura, sabia que não se tratava de um sequestro; sua teoria era que Mirela apenas perdera o controle do próprio experimento. De si mesma.

Ao contrário de indícios de um crime, o que havia naquele galpão eram apenas sinais de alguém que passara tempo excessivo dentro da própria cabeça. Fazia parte deste cenário o café intocado, as luzes acesas noite adentro, os arquivos abertos simultaneamente e as sequências numéricas repetidas à exaustão. Nada ali parecia resultado de violência repentina. Parecia desgaste.

Mirela vinha tentando transformar comportamento humano em lógica matemática. Ela pretendia prever mentiras. Antecipar reações. Catalogar padrões emocionais. Mas pessoas não funcionam como códigos estáveis e quanto mais ela tentava organizar o caos humano, mais caótica se tornava.

Liz já tinha visto aquilo antes. Obsessões prolongadas costumam produzir um efeito perigoso: em algum momento, a pessoa deixa de interpretar padrões e começa a enxergá-los mesmo quando não existem, num tipo perigoso de alucinação.

Talvez Mirela tivesse ultrapassado essa fronteira há algum tempo e Lorena era a prova disso.

Liz analisou novamente a mancha escura sujando o piso. Sem o tumulto das testemunhas, o odor químico parecia ainda mais evidente. Ao agachar-se, observou que atrás de um dos pés do sofá, escondido pela sombra, havia um pequeno frasco tombado. O líquido avermelhado restante no interior tinha o mesmo tom de vermelho-sangue da mancha no chão. No rótulo parcialmente desgastado, ainda era possível ler: “pigmento marcador”. Levando o frasco consigo, caminhou até o computador ainda ligado e começou a procurar pelo termo entre os arquivos abertos por Mirela.

Demorou pouco para encontrar dezenas de registros relacionados à captura facial, rastreamento de movimento e mapeamento de microexpressões. Algumas fotografias exibiam pequenos pontos vermelhos distribuídos sobre músculos específicos do rosto humano, formando curvas semelhantes às espirais espalhadas pelas paredes do galpão.

O frasco provavelmente rolou para baixo do móvel depois de algum tropeço. Não havia sinais de arrasto, luta ou tentativa de limpeza. Apenas desordem.

Liz varreu o galpão com os olhos em busca de algo que reforçasse sua teoria. Próximo à bancada, uma câmera permanecia caída no chão, presa pelo fio do carregador. A lente frontal estava rachada, com o vidro quebrado. Isso explicava o vidro encontrado perto da mancha.

Foi então que a hipótese inicial arquitetada durante os depoimentos ganhou força: e se nada naquela cena tivesse sido planejado? E se o verdadeiro colapso aconteceu na mente de Mirela muito antes de ela desaparecer?

Encostando-se no balcão de madeira, a policial analisou novamente a sequência de números espalhados pelo mural que, num primeiro instante, pareciam aleatórios. Não demorou para perceber que havia uma progressão. Os números cresciam obedecendo sempre ao mesmo intervalo irregular, repetindo uma estrutura que Liz já tinha visto naquela madrugada, desenhada nas espirais espalhadas pelas fotografias presas à parede, em formato de caracol matemático.

1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21...

A percepção veio devagar, encaixando peça após peça até finalmente ganhar nome.

Fibonacci.

Liz sentiu-se incapaz de conter um arrepio silencioso. Agora não havia mais dúvidas de que sua teoria estava correta. De repente, as espirais desenhadas entre as anotações deixaram de parecer simples rabiscos. As curvas repetidas nas fotografias, os diagramas presos à parede, os

padrões distribuídos entre arquivos e sequências numéricas... tudo obedecia rigorosamente à mesma estrutura. À mesma lógica obsessiva.

Liz aproximou o rosto da tela. Os números apareciam misturados entre nomes de arquivos, anotações e abas do navegador de internet. A maioria seguia o mesmo padrão matemático repetitivo, exceto por uma janela específica que, diferentemente das demais, apresentava um comprovante de corrida por aplicativo, solicitada minutos antes do telefonema acusando o desaparecimento de Mirela. Além de feita no nome de Lorena, a corrida havia sido paga com o cartão de crédito dela. Sentindo o estômago contrair, a policial verificou que o ponto de embarque ficava a poucos metros de onde os óculos haviam sido encontrados. O destino da corrida, porém, fez Liz prender a respiração: Hospital Municipal de Ecila.

Em sincronia com as suas descobertas, Felipa telefonou, arrancando Liz de sua espiral mental.

– A polícia encontrou a Mirela. Ela deu entrada ontem à noite no hospital, com quadro de confusão mental, mas apresentou outro nome: Lorena Lopes. Foi detida por falsidade ideológica.

A chuva havia diminuído quando Liz deixou o galpão. O céu começava a clarear devagar, dissolvendo o azul escuro da madrugada sobre os prédios ainda úmidos da cidade.

O hospital estava estranhamente silencioso, mergulhado em luzes artificiais. Mirela ergueu os olhos devagar quando Liz entrou no quarto. Com o olhar perdido, um pouco atordoado, ela parecia genuinamente incapaz de conseguir prever a reação de alguém. Talvez esperasse acusação. Talvez desprezo.

Todavia, Liz a observou com compaixão, sem dizer nada. Porque, naquele instante, não enxergava uma criminosa. Na verdade, em algum nível desconfortável, reconhecia naquela mulher parte da mesma obsessão silenciosa que guiava o próprio trabalho: observar pessoas, interpretar desvios, procurar significado em detalhes quase invisíveis. A diferença era que Mirela atravessara uma linha da qual talvez não conseguisse mais voltar.

Debilitada naquela cama de hospital após uma séria crise de estafa que a levava a um colapso emocional, Liz via apenas alguém que passara tempo demais tentando transformar pessoas em cálculos, até esquecer que humanos não cabem em padrões. Mirela, por sua vez, não parecia analisar nada. Apenas olhava para o vazio, incapaz de reconhecer-se no próprio reflexo.

## **Je suis malade, de Nay Rosario**

### **CAPÍTULO 1 - Chapitre Unique**

As famílias Dorléac e Devereaux são possuidoras de grandes feitos entre seus descendentes e para seu país. Enquanto os Dorléac consolidaram seu nome nos cenários artísticos e da

perfumaria parisiense, os Devereaux, na Normandia, reconstruíram sua grandeza, após inúmeras baixas sofridas devido a invasões inglesas.

Em uma tarde, às margens do rio Sena, Etienne Devereaux, que havia sido enviado por seu pai a Paris em busca de um contrato que pudesse auxiliar a mudar o status da família, se apaixonou perdidamente pelos olhos verde-esmeralda da jovem Louise Dorléac sem saber que ela seria o passaporte para a escalada social e melhora do status de sua família quase falida. Sem que os pais de ambos soubessem, planejaram fugir juntos para um país que ninguém os conhecia e assim poderiam viver esse amor pueril.

Ao voltar para sua cidade, Etienne descobriu que o pai havia lhe arranjado uma pretendente que atenderia aos requisitos de bote salva-vidas para a honra da família. Desolado, o rapaz não conseguiu avisar a sua amada.

Em Paris, Louise recebeu uma notícia similar. Seu pai, um influente nobre francês, havia firmado um acordo com Auguste Devereaux e a garantia de que tudo ocorreria conforme desejado era a união das duas famílias através do casamento. Discordando dessa decisão, a moça tentou fugir, sem sucesso, pois Genoveva, sua madrastra, percebeu suas intenções e frustrou os planos. Implicando em sua proibição de ausentar-se da residência familiar até a viagem para o jantar de apresentação.

O tempo, entidade imparcial e imparável, cumpriu sua função de aquietar pessoas e amainar dores. Louise havia se conformado com seu destino e Etienne não possuía mais forças para enfrentar seu pai. O jovem casal seria obrigado a enterrar no fundo de sua alma aquele belo sentimento.

Mas o destino, um rapazote brincalhão, gosta de pregar peças nos desavisados. Ao se verem, frente a frente, para o jantar de noivado, Etienne e Louise sorriram discretamente. Genoveva, com olhos de lince e uma inveja silenciosa da enteada, captou que a moça se mostrava contente em demasia com tal arranjo. Entendeu tarde demais que sua manobra e manipulação para se livrar da moça dando-lhe um futuro de agruras havia falhado.

Seguindo o que foi combinado às margens do rio, os recém casados mudaram-se para o Brasil. Louise passou a cuidar da filial de perfumaria do país, elevando-a à excelência em toda a rede. Com o passar do tempo, a Dorléac Parfum passou a desenvolver essências únicas sob encomenda. Etienne, graças a sua habilidade em blefar nas mesas de jogos de azar confundindo seus adversários, se tornou dono de casas noturnas de luxo, que ofertavam inúmeros tipos de entretenimento para os bons pagantes.

Conforme o sobrenome de ambos despontavam em seus cenários, as brigas entre o casal tiveram início. Denominando-se macho alfa, Etienne se sentia no direito de ter quantas mulheres lhe conviesse e as exibia constantemente em colunas de fofoca. Sabine, a única filha do casal, já havia sido alvo de bullying no colégio bilíngue onde estudava, agravando cada vez mais a relação conturbada entre pai e filha.

O estopim foi um dia após a adolescente completar dezesseis anos. Sabine havia chegado das aulas de boxe junto com Elise, sua namorada, e escutou o barulho de objetos sendo arremessados e se espatifando através da acústica da mansão. As vozes alteradas indicavam que era mais uma briga dos pais, mas quando se aproximava do corredor de acesso à suíte do casal

escutou a mãe pedindo para que Etienne parasse, o que intencionava realizar. Ao adentrar estancou. Seu pai havia arriado as calças e tentava forçar o corpo de Louise contra o recamier.

Sabine retirou o cinto decorativo de seu short e chicoteou as nádegas do pai. Com o barulho do estalo e sentindo uma dor lancinante, o homem virou e percebeu que havia sido agredido pela filha. Sem tempo para raciocinar, sentiu outra dor profunda ao ser atingido por um soco no rosto que o nocauteou. Sabine e Louise fizeram as malas e saíram deixando o homem desacordado.

Após se instalarem no apartamento que Sabine havia ganhado de presente ao debutar, localizado na Avenida Oceânica, próximo do Ondina Apart Hotel, Louise ligou para o escritório Monteiro & Martinez Advogados Associados pedindo que dessem início a ação de divórcio. O mesmo destino que havia juntado o jovem e inocente casal descruzou os caminhos daqueles que, agora, soavam como estranhos. Quando pensou em dificultar, Louise o lembrou que poderia manchar sua reputação de maneira irreversível.

E assim, alguns pares de anos passaram. A relação entre Etienne e Sabine era uma linha frágil que poderia romper a qualquer instante. A linha foi tensionada novamente quando a jovem completava vinte e um anos. E saía de um famoso shopping na região do Caminho das Árvores com mais três amigas quando foram cercadas por três vans pretas. Homens armados desceram e colocaram as jovens distribuídas entre os carros.

Após perceber que o carro estava em movimento, apertou o pingente de sua pulseira. Ele era um micro rastreador entregue por sua mãe como medida cautelar. Os homens não falavam nada, dificultando uma possível identificação pela voz. Rodaram cerca de vinte minutos até chegar no local que estava preparado para recebê-las.

As jovens foram separadas de acordo com as ordens. Sabine foi colocada nos fundos do galpão, longe das outras. Jesin Maltez, sobrinha neta do Comendador Maltez, a figura aristocrática e emblemática no mundo das artes em Salvador, foi colocada em um cubículo com alguns lanches e água mineral sobre a mesa. Laura Souto, neta de um político influente, ficou no segundo cubículo onde havia uma poltrona e uma coberta dobrada na embalagem, uma mesa com lanches e água. Por fim, Marina Millet, sobrinha da percussionista Monica Millet e uma das herdeiras de um dos mais tradicionais e famosos terreiros de candomblé da Bahia, foi deixada nas mesmas circunstâncias que as anteriores.

Três famílias receberam um pedido de resgate. A de Sabine recebeu o silêncio. Enquanto Louise se desesperava com a iminência de perder sua única filha, Etienne, que estava sentado no luxuoso sofá de sua mansão trajando um conjunto de alfaiataria italiano feito sob medida e nos pés, seu velho mocassim, permanecia tranquilo.

-Eles irão mandar alguma mensagem. O rastreador está funcionando?

-O sinal está fraco, mas a equipe de segurança está vendo outras formas. Eu espero que não seja ninguém querendo retaliação por algo que você tenha feito.

-Mon Dieu! Sempre para em mim. - exasperou-se o homem.

-Por cerca de 75% das vezes, de alguma forma, é responsabilidade sua. E não coloque Deus nessa conversa. Você é ateu.

Na parte superior do galpão, Anísio Vieira Lima olhava Sabine sentada na cadeira com uma mordaca na boca e os olhos vendados. Pensou em sua irmã e, em quantas vezes, ela pediu para que seu algoz a deixasse em paz. O francês a cercou de todas as formas possíveis até que conseguiu capturá-la e lhe tirou a inocência. A jovem ficou tão aterrorizada, desnorteada que se trancava no quarto e só saía quando a mãe a levava para dar uma volta no jardim. A menina cheia de vida parecia um espectro do que um dia fora. Na véspera de Natal, ao tentar se comunicar com a irmã por bilhetes como fazia na porta do quarto, não obteve resposta. Ao encostar o ouvido na porta, escutava ao longe, barulho de água. Pegou a chave reserva com sua mãe e, ao entrar no quarto, o encontrou vazio. Percebendo o piso molhado, seguiu para o banheiro e ficou em choque ao deparar-se com o corpo de sua irmã, sem vida, submerso na banheira, abraçada a uma pelúcia. Anísio chorou igual a uma criança que perdeu seu tesouro mais precioso. Não houve Natal na família Vieira Lima. Não havia mais família. Diante do túmulo de sua irmã, ele jurou que faria o homem sentir a mesma dor que ele a infringiu.

Passou a frequentar as casas luxuosas de Etienne. Ia nas festas, jogava em seus cassinos e o estudava sempre que possível. Um dia, por acaso, encontrou Sabine saindo da casa do homem. Através do segurança descobriu que a jovem era filha e herdeira única de tudo. Era a oportunidade que ele precisava. Ordenou a seus homens que a seguissem, traçaram a logística dos passos da jovem e aguardaram até a fatídica tarde no shopping. Naquela noite, Alicia Vieira Lima seria vingada.

Com passos tranquilos, o homem desceu os degraus de ferro, fazendo barulho e provocando mais medo na jovem. Andou em volta da cadeira enquanto fumava seu Montecristo. Deu uma última tragada antes de se pronunciar.

-Boa noite, Sabine.

-Anísio! Mas...

-Te contarei uma pequena história. Eu tinha uma irmã, que era jovem e bonita, assim como você. E ela despertava a cobiça de muita gente, incluindo seu pai. Ele passou a segui-la e assediá-la, embora houvesse muitas negativas. Numa noite, ele prometeu que a levaria em segurança para a casa da minha família. - o homem respirou fundo. - Mas ele mentiu. Ele a trouxe para esse mesmo galpão. Rasgou seu vestido. - antes que a menina pensasse, o homem fez o mesmo com ela - Passou as mãos nojentas dele pelo corpo dela assim como estou passando pelo seu.

Sabine sentiu-se nauseada. Escutou o barulho do zíper da calça do homem abrir. Sentiu seu corpo jogado no chão com fúria e violência. Suas pernas abertas de maneira bruta, sua calcinha arrancada e sentiu aquele nervo rijo sendo empurrado em sua intimidade com força enquanto lhe era contada a história de uma jovem que tinha idade para ser sua irmã e foi violentada por seu genitor. A mordaca a impedia de gritar e chorar. As mãos amarradas não a deixavam se defender e sentia que ali seria seu fim.

Após findar o hediondo ato de extrema violência, um dos seguranças gritou ao patrão, pois carros e um helicóptero se aproximavam. Antes de fugir, o homem tirou uma fotografia da jovem naquele estado e guardou como seu troféu e vingança.

Comandante Ribeiro foi o oficial que encontrou a jovem caída no galpão. Chamou a equipe médica e, assim que a direcionaram para o helicóptero na maca, ele foi em busca das outras jovens. As libertou do cativado e as levou para suas residências. Alguns dias depois, as jovens prestaram depoimento, mas nenhuma delas sabia nada relevante. Sabine permanecia internada no Hospital Aliança. Dois seguranças ficaram prostrados na porta do quarto e só estava autorizada a entrada da equipe médica do hospital e os pais da jovem.

Etienne havia passado a noite e boa parte do dia sentado numa poltrona dentro do quarto. Se maldizia pelo que havia ocorrido com sua princesinha. Tirou sua carteira Louis Vuitton da sua calça e abriu. Acariciou uma fotografia de Sabine com cinco anos e um sorriso sapeca no rosto. A menina havia ganhado um pônei de presente dos pais e estava extremamente feliz. Saiu do torpor provocado pela lembrança ao escutar um gemido.

-Mon jour..

-Muito tempo atrás você me chamava assim... Meu Dia.

-Seu nascimento havia sido meu melhor dia. - o homem puxou a poltrona e sentou-se bem próximo da jovem.

-Por que você fez o que fez com aquela jovem?

-Eu... não... - deparando-se com a crueza de seu próprio ato, o homem não teve uma resposta minimamente convincente para dar.

-Etienne... no dia em que você quase fez isso com minha mãe, eu parei de chamá-lo de pai, mas ainda tinha o respeito... o carinho... - a jovem olhou-o profundamente nos olhos. - Dias atrás sua filha morreu nas mãos de um homem que queria lhe ferir, lhe atingir onde, supostamente, doeria. E sabe o que é pior! - lágrimas vertiam de ambos. - é que eu tenho ciência que ela não foi a primeira e não será a última. Só que eu não estarei mais à disposição para ser, novamente, usada em prol de uma vingança nojenta entre machos que, no fundo, se igualam. Um pela certeza da impunidade e o outro pela sede de algo que só destroi quem sofre na pele.

-Minha filha...

**-EU JÁ DISSE QUE ELA MORREU!**

O grito assustou Louise que caminhava pelo corredor do andar em direção ao quarto da jovem. Acelerando os passos, encontrou Sabine exasperada e Etienne tentando contê-la para que os fios e acessos medicamentosos não se deslocassem do lugar. O olhar desesperado do homem mostrava arrependimento sincero e amor genuíno pela filha. Uma pena que veio tarde demais.

-Por gentileza, Etienne. - Louise abriu mais a porta do quarto.

-Mas eu... - olhava a filha encolhida na cama chorando em silêncio. - se é assim que você quer... mas saiba que continuará sendo Meu Dia.

Cabisbaixo, o homem saiu. Louise fechou a porta e o acompanhou em silêncio até o elevador. Assim que a caixa metálica chegou, o homem virou para a ex mulher e a abraçou. Não de maneira desrespeitosa, mas como quem pede uma fração de apoio. O abraço foi retribuído.

Dias depois houve a alta e Louise decidiu levar a filha para passar um tempo na cidade de São Paulo, em um apartamento de luxo na região da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Os primeiros dias foram de adaptação e silêncio. A partir da primeira semana, os pesadelos e gritos na madrugada tiveram início. Com muito esforço, Louise convenceu a filha a fazer acompanhamento psicoterapêutico e as coisas começaram a ganhar tons de normalidade, dentro do possível.

Em uma das sessões com a psicóloga, Sabine relatou que, muitas vezes, ela tinha a sensação de ter despertado, mas percebia estar dentro de outro sonho tão real quanto a vida e seus momentos. O que a fazia observar e identificar se tratar de um sonho em detalhes como a aparência das pessoas ou um objeto que não deveria estar no espaço.

Sabine entendeu também que não se curaram completamente do trauma e que, poderiam tentar desenvolver uma qualidade melhor de vida. De comum acordo, mãe e filha decidiram passar uma temporada na França.

#### Dez Anos Depois

Louise havia chegado ao décimo terceiro andar do Edifício Salvador Trade Center, onde ficava localizada a parte administrativa das perfumarias. Havia deixado Sabine no laboratório, dois andares abaixo.

Havia marcado uma reunião com Minerva Monteiro, filha do seu querido amigo e advogado, Carlos Monteiro. Ao sair do elevador, observou que Maria de Lourdes, sua secretária, já havia instalado a jovem na sala de reuniões e providenciou um lanche.

-Bonjour, Louise.

-Bonjour, Minerva. Desculpe o atraso, mas passei no laboratório e Sabine estava tentando tirar nosso perfumista do sério.

-Imagino. Quanto tempo ela ficará? - inquiriu interessada. Há tempos que não encontrava a herdeira do império Dorléac.

-Ela nunca diz. Simplesmente vai embora e me avisa quando chega na França. Creio que quando a cidade passa a sufocá-la. - uma centelha de tristeza cruzou o olhar da mulher. - mas me conte de você. Já está com alguma moça ou moço em vista!

-Longe de mim. Gosto da... - foi interrompida por uma voz que lhe tirou a concentração.

-Maman... pardonne-moi. Je ne savais pas que tu avais une visite d'une beauté exceptionnelle. (Mãe... me desculpe. Não sabia que estava com uma visita de beleza ímpar.)

-Merci pour le compliment. Comment vas-tu, Sabine? (Agradeço o elogio. Como vai, Sabine?)

Sabine arqueou a sobrancelha em nítida surpresa ao escutar sua língua mãe em timbre de voz rouco, porém aveludado. Sua mãe deu um sorriso discreto.

-Estou bem. E vossa senhoria! Que conhece minha alcunha, porém desconheço a sua.

-Minerva Melik Monteiro, ao seu dispor.

-Ah! A filha do tio Monteiro.

-Como posso auxiliar minha filha intempestiva! - Louise cortou o clima de flerte no ar.

-Terminei a essência. Armand está digitando o que faltou. Vou me entreter na loja.

-Não atrapalhe! Já telefonou para seu pai!

-Eu não tenho pai. - fechou a porta e se foi.

As mulheres se olharam e um suspiro foi emitido por Louise. Voltaram a tratar da documentação da nova filial que seria inaugurada no shopping ao lado. Minerva, por vez ou outra, se distraía pensando na audácia da outra jovem.

-Algo mais?

-Falta organizar o testamento em conjunto com Etienne. Ele já anexou a parte dele?

-Terei uma reunião com ele no fim da tarde para tratar disso.

-Até breve, querida.

Horas depois, Minerva encontrava Etienne claramente embriagado no escritório da mansão que morava, no bairro do Corredor da Vitória. A governanta havia conduzido a jovem e permaneceu, de maneira discreta, ao fundo da sala. Além das tentativas baratas de galanteio, o homem portou-se como a muito não fazia. Conteve seus ímpetos de macho alfa.

As páginas do tempo passaram em silêncio, mas não despercebidas. Minerva e Sabine passaram a se encontrar “ocasionalmente” na sala de Louise, que sempre sorria da desfaçatez e peraltice da filha. Já havia sugerido um convite para jantar, que era prontamente ignorado pela jovem. O que a fez mudar de ideia foi o incidente ocorrido no dia da nova loja de perfumes.

O shopping escolhido havia sido o mesmo onde a jovem foi sequestrada, uma década atrás. Enquanto a mãe discursava, Sabine sentia que poderia se afogar em sua própria transpiração. As extremidades corpóreas estavam gélidas e ela começava a ofegar em busca de ar. Minerva, observando sua quase paquera, a conduziu discretamente para fora do evento.

Ao sentar Sabine no banco do carona de seu carro, iniciou exercícios de respiração e presentificação com a jovem. Havia aprendido com seu irmão, um psicólogo famoso da capital baiana. Aos poucos, a moça voltava para o momento presente.

-Como se sente?

-Melhor! Graças a minha heroína. Como posso agradecê-la!

-Um café, talvez. Se não tentar me ludibriar novamente.

-Aceita iniciar esse café em um jantar intimista na minha casa! Eu cozinho.

-Mande o endereço, dia e horário.

Tanto a francesa quanto a brasileira já haviam percebido a reciprocidade de um possível interesse por caminhos afetivos. Sabine havia terminado um relacionamento de três anos na França por entender que sua, então namorada, queria muito mais do que um namoro. Falar em casamento era proibido para a moça, pois a fazia lembrar dos últimos anos turbulentos do matrimônio de seus pais. Em contrapartida, Minerva completava meses divorciada. Havia

casado cedo com uma paixonite que havia conhecido na universidade; João Leão Neto, um dos herdeiros da política na região do centro oeste e advogado por sonho de infância.

Os primeiros anos foram tranquilos. A partir do segundo ano, teve início uma leve pressão por filhos e que Minerva deixasse o escritório, além de um ciúme desmedido do sócio que trabalhava junto com a moça no escritório. Antes que piorasse, Minerva apresentou a documentação do divórcio.

O Condomínio Pedra da Gávea, ficava localizado no bairro de Stella Maris. Quando Sabine recebeu as fotos da casa pela imobiliária achou fantástica. Estilo moderno, a sala e cozinha são integradas e harmonizam perfeitamente. No quintal, uma piscina com mesas laterais, um quiosque com churrasqueira e uma região mais recuada com sauna e banheira de ofurô preencheram todos os requisitos. Minerva chegou pontualmente às dezoito horas e Sabine recebeu com um vestido de estampas florais azuis, pés descalços, cabelos presos em coque alto e avental.

-Venha! Vai me auxiliar. - caminhou para a cozinha e trocou a playlist para um jazz suave, pegou outra taça e serviu um pouco de frisanete a sua convidada.

-O que farei!

-Lavar as mãos e me ajudar. A Pâte Brisée já está pronta e pré aquecida, vamos despejar aos poucos o recheio nela. Com cuidado, coloque os pedaços de Bacon, o queijo e a mistura de creme de leite. - se posicionando atrás de Minerva, guiou sua mão para que o recheio ficasse uniforme. - prontinho. A quiche Lorraine está no forno.

-Cheff Sabine Dorléac. Não sabia desses seus dotes culinários.

-Uso apenas quando quero impressionar. Vamos para a varanda! O forno está programado para tocar no tempo.

Seguiram para uma aconchegante varanda externa, na lateral da casa. O jazz, o frisanete e a brisa suave noturna eram condutores de uma conversa tranquila que arrancava risos e pequenos toques entre ambas. Foram despertadas pelo forno avisando que era hora do jantar. A mesa posta para duas e mais vinho em um balde com gelo. Os assuntos iniciaram com o elogio a iguaria e Sabine ligeiramente envergonhada. Flutuavam por gostos em comum, música, artes e um pouco de conhecimento histórico. De volta a varanda, a anfitriã, por instantes, tornou-se mais séria e inquiriu a jovem.

-O que aconteceu... dez anos atrás?

-Com o homem! - recebeu um aceno positivo. - foi preso, após ser atingido pela equipe de segurança. Os jornais noticiaram que o motivo da prisão tinha a ver com corrupção. Uma clara manobra da família dele. Ficou uns dias internado sob vigilância da polícia e lá morreu de infarto fulminante. Nota oficial da imprensa.

-E a extraoficial!

-Assassinado. - deu um gole em seu vinho e analisou a expressão da outra. - mas acredito que você me convidou para tomar café. Não vi nada para preparar. - sorriu.

Ao invés de oferecer uma resposta irônica ou dúbia, Sabine avançou tal qual uma pantera que avista sua presa. Beijando os lábios carnudos e convidativos de Minerva como quem prova uma fruta extremamente viciante.

Mãos se prenderam em cabelos enquanto aproximavam os corpos. Em um momento de pausa para fôlego, Sabine guiou Minerva para uma sala preparada com colchas e almofadas formando uma tenda improvisada. Havia frutas, suco e mais vinho dispostos em uma mesa próxima ao local.

-Pelo visto, você pensou em tudo.

-Para nosso conforto e prazer.

Entre descobertas de peles e tatuagens, sensações novas e gostos ímpares, a lua cruzou o céu sem que o recém casal de amantes percebessem a passagem do tempo. Quando os primeiros raios solares atravessaram os vidros da casa, encontrou as duas mulheres com sua nudez coberta por uma manta de lã azul marinho.

A primeira a despertar foi Sabine, que sentiu o cheiro da essência de âmbar floral que havia criado especialmente para a mulher que ressonava em seu abraço. Com cuidado, se desvencilhou. Foi ao banheiro tomar uma ducha, vestiu um robe de seda azul marinho e voltou à cozinha para preparar o café da manhã. Quarenta minutos depois, Minerva era despertada com suaves beijos e uma canção em francês em seu ouvido.

-”...Moi/Je t'offrirai des perles de pluie/... Pour couvrir ton corps d'or et de lumière/ Je ferai un domaine où l'amour sera roi/ Où l'amour sera loi/ Où tu seras reine...”

-Serei sua rainha! Hum! Gostei disso.

-Sim. E como boa serva que sou, trouxe o café de Sua Majestade. - colocou a bandeira com duas xícaras de café e croissants na cama improvisada.

Um banho a duas regado ao molho de ontem, foi a deixa da manhã. A partir daquele dia, ficou acordado que iniciaram uma relação, a princípio discreta e com poucos conhecedores. Louise ficou genuinamente feliz ao saber da novidade. Talvez Minerva ajudasse a filha a entender que nem todas as relações teriam o mesmo fim que a sua e Etienne.

Sabine esteve com o pai em duas ocasiões, ao longo dos meses. A primeira na inauguração da perfumaria e a segunda quando os pais lavraram em cartório o testamento deles. Exigência de seu avô paterno já que o pai estava se afundando cada vez mais em bebida e envolvendo-se com mulheres interesseiras que fariam de tudo para obter alguma vantagem.

Observou o olhar lascivo de Etienne em direção a sua namorada e a mesma aparentava não retribuir. Em uma das noites de revezamento entre as casas, conversaram sobre e acordaram que Murilo Martinez, o sócio do escritório de advocacia, cuidaria das próximas tratativas com Etienne.

Em quatro meses, a perfumaria teve um retorno monetário impressionante para Louise. Sabine pensava cada vez menos em sair do Brasil por períodos prolongados. Foi até Paris poucas vezes organizar questões importantes e, em ambos os casos, passou apenas cinco dias na cidade luz. Na última viagem, Antoine Devereaux pediu que a neta entregasse um baú antigo ao pai.

Pensando em se livrar dessa missão, assim que pegou seu carro no estacionamento do Aeroporto Internacional Luís Eduardo Magalhães, seguiu pela orla até o corredor da vitória, especificamente na rua da Graça, número 1313, Mansão Devereaux. Os seguranças habituais não estavam na portaria. Apertou seu controle e o portão abriu.

Ao estacionar seu carro na entrada da casa viu o carro de sua namorada também. Imaginou que o pai havia feito alguma exigência maluca que obrigasse a mulher a ir. Pelo menos, anteciparam o reencontro. Assim pensou. Empurrou a porta e tudo estava silencioso. Deixou o baú no aparador e caminhou com passos leves pela casa em direção ao escritório do pai. Antes de abrir a porta escutou a voz do homem em desespero, quase gritando.

-Acorda, Minerva! ACORDA! Merda. - o homem balançava o corpo da moça tentando despertá-la em vão.

-Mon dieu! - Sabine irrompeu intempestiva na sala tentando acordar a namorada. - o que você fez, Etienne! Minerva, acorda, querida. O QUE VOCÊ FEZ! - exasperou-se.

-Eu não... ela... nem a toquei.

-Claro, claro! Você e sua doença.

-NÃO! Ela tropeçou na borda do tapete e caiu... isso! Caiu.

O homem falava nervoso enquanto andava pelo espaço com um copo de whisky na mão. Aos poucos, a advogada foi recobrando a consciência e, imediatamente, levou a mão à nuca. Onde a dor estava concentrada. Ao focar sua visão em Sabine, a mulher desabou em um choro que misturava alívio e dor. Com calma, Sabine a levou para seu carro e, após se certificar de que a moça estava segura, pediu que aguardasse. Voltou para dentro da casa e encontrou o francês afundado em sua poltrona.

-Não bastava ter estragado minha vida anos atrás. A vida de outra moça e sua família. Agora queria fazer o mesmo com a advogada. VOCÊ NÃO PENSA NAS CONSEQUÊNCIAS DA PORRA DE SEUS ATOS. - gritou. - Eu tenho marcas que jamais se apagarão por mais que eu faça terapia, por mais que eu tente levar uma vida normal. Por sua culpa. Só sua.

-Terminou de despejar suas frustrações em mim! O balde de merda aqui serviu. - levantou cambaleando devido ao excesso de álcool em seu organismo. - A princesa não aceita que eu sou assim.

-Você é um doente. Se mantenha longe de Minerva. É o único aviso que te dou.

-Ou vai fazer o que! Me bater! Denunciar seu pai! Não... me matar! Acertei!

Álcool, deboche e mágoas antigas se misturavam criando uma combatente altamente inflamável. Etienne abriu uma gaveta trancada em sua mesa, retirou seu revólver Taurus RT 856 calibre.38 SPL e o colocou sobre a mesa.

-Se lhe faltava a arma... aí! Atira! - olhava no fundo dos olhos da jovem, acreditando que leria hesitação. - Vamos lá, Sabine. ATIRA! Termina de acabar com esse sofrimento. Já estou morto em vida. Só vai oficializar. ATIRA! -puxou a mão da jovem com a arma engatilhada e colocou em seu peito, na direção do coração. - Je n'ai plus envie de vivre ma vie.

Um estampido abafado ecoou pela casa. Sabine desceu as escadarias da entrada em poucos segundos e dirigiu o carro tentando se acalmar e disfarçar aos olhos da namorada. Foram direto para Stella Maris e lá, em seu refúgio, Sabine contou o que aconteceu dentro da casa.

Ao final do dia era noticiado a morte do empresário Etienne Devereaux no que aparentava ser um acerto de contas. As câmeras da casa estavam desligadas e não haviam testemunhas que pudessem colaborar com a investigação. Sabine recusou-se a ir no sepultamento. Louise assumiu a função de organizar o funeral e receber os ex-sogros em sua casa.

Após a leitura do testamento, a mansão foi vendida por Sabine e os antigos sócios das casas noturnas ofereceram fortunas pela parte que cabia a Etienne. Tudo que poderia ser um legado atribuído ao homem foi transformado e sua existência foi relegada ao esquecimento.

### Um Ano Depois

Sabine havia acordado de mais um pesadelo. Minerva, agora sua esposa, ressonava ao seu lado. Saiu da cama sem movimentos bruscos para não acordar a outra e desceu o lance de escadas em direção a cozinha de sua casa. Abriu a geladeira e pegou um pouco de suco de laranja.

Olhou a lua cheia através da janela da cozinha e se preparava para voltar à cama quando escutou um assobio na sala. Sentado com a postura relaxada que apenas o consumo excessivo de álcool proporciona, a jovem viu alguém que, definitivamente, não deveria estar ali. Ao vê-la, o homem sorriu.

-Pensou que se livraria tão fácil de mim! Vim te buscar, mon jour. - engatilhou a arma que estava em sua mão e disparou.

FIM

## O Poder do Agora, de Zanja45

### Capítulo 1

Anne Catherine seguia sua rotina cansativa e exauriente, acabara de sair do observatório, local que desempenhava com disciplina metódica seu trabalho enquanto astrofísica. Mas sua vida não se resumia apenas a isso, porque ela tinha um casamento que ultimamente tinha se tornado muito deprimente, drenava quase toda sua energia, porque como ela passava muito tempo em meio às suas pesquisas, então não dispunha de muito tempo para dar atenção a sua mulher e a sua filha.

Então as brigas eram constantes, muitas cobranças/exigências que sua esposa Cassandra François fazia. — E aquilo já a estava desgastando muito. — Ela queria que as coisas fossem diferentes entre elas, porém aquelas brigas constantes, desconfiança que a esposa tinha a

respeito dela, estava se tornando insustentável. E o único lugar que se sentia bem ultimamente era em meio ao seu trabalho.

Enquanto ela estava perdida em suas divagações não percebeu o que acontecia à sua volta, pois estava muito distraída, perdida em seus próprios pensamentos e também um tanto melancólica, para prestar atenção a qualquer movimentação que estava ocorrendo. E o que aconteceu a pegou completamente desprevenida, submetendo sua mente a um estado de pânico, pois a adrenalina chegou a estágios inaceitáveis, bombeando o sangue numa velocidade tremenda para uma pessoa como ela, que não estava acostumada a enfrentar perigos como aqueles — aumentando consideravelmente sua pressão arterial.

Foi quando notou que no reflexo para se defender, acabou perdendo os óculos durante a luta corporal para tentar fugir da emboscada que estava sendo vítima. Ela avistou os óculos caído no chão de paralelepípedos a mais ou menos um metro de distância dela. Era possível avistar o estado lastimável que ele havia ficado. A lente do lado direito encontrava - se estilhaçada devido ao impacto com o solo. Logo em seguida sentiu algo pesado a golpeando na nuca, amarraram seus pulsos um no outro com fita adesiva de cor cinzenta. — Fixaram bem, dando umas três voltas ao redor dos pulsos, amarram sua boca com fita adesiva da mesma forma que fizeram com os seus pulsos, para que não emitisse nenhum som enquanto eles enfiavam - na dentro de um Furgão de cor laranja.

Ela começou a entrar em estado de choque, ao imaginar as coisas que pretendia mudar em sua vida, em relação a sua própria esposa, e parece que naquele exato instante estava sendo retirado dela essa oportunidade. — como ela gostaria de ter outra chance, de ser uma pessoa melhor, ter uma atitude ou postura diferente do que estava tendo em relação a vida e as pessoas a sua volta.

Ela nunca tinha se preparado para viver um momento como aquele, pois ela só pensava em viver para o trabalho, e acabava negligenciando as outras coisas boas da vida. — Depois desses pensamentos, ela simplesmente apaga, só acordando no dia seguinte, num lugar muito escuro, uma espécie de bunker de madeira, não dava para descrever absolutamente nada naquela escuridão tremenda.

No entanto, de repente a porta se abre com um clique metálico, alguém se revela em meio aquela escuridão. Em que meus olhos ainda estavam sensíveis à claridade que vinha de fora, pois ficou ao que parece por tempo demais na escuridão, que não conseguia ver claramente as coisas à sua frente com exatidão. A primeira coisa que ela vê quando a pessoa se materializa, que agora percebe que é um bunker praticamente, todo revestido de madeira, sendo apenas uma parede de tijolos.

A pessoa trazia nas mãos dela um lampião a gás que coloca pendurado em um suporte ao lado da porta e imediatamente a porta é fechada — Dava para ver que ali está equipado com uma pequena habitação, composta por banheiro, uma pequena cozinha americana e uma cama de casal a qual ela se encontrava amarrada com cordas de nylon presas aos pés da cama.

Quando o sequestrador chega próximo de onde estou, posso ver algo chocante, porque a pessoa fica visível diante de meu campo de visão e sua identidade é revelada para mim. — É igualzinha a mim — Fico extremamente chocada porque não sabia que tivesse uma irmã gêmea, mas essa constatação é que possivelmente existia essa possibilidade, pois não era possível que

existisse uma pessoa tão parecida comigo neste mundo que não fosse minha irmã gêmea. — Catherine acaba por constatar isso.

— Enquanto estou digerindo essa verdade sobre a existência de uma pessoa tão idêntica a mim. — Parecendo que viemos da mesma mãe. — Não parece haver outra explicação.

— Ela chega próxima a mim e fala:

— Você deve estar se perguntando quem sou eu, não é mesmo?

— E ri cnicamente para mim com a obviedade que representava aquele momento.

— E diz: “O futuro é reflexo do presente”. — Você já ouviu essa expressão?

— certamente que sim — Como astrofísica já deve ter ouvido essa célebre frase dezenas de vezes — Você deve estar curiosa sobre mim — Uma pessoa idêntica a você aparecendo assim do nada!

— Você pode mensurar a dimensão que isso implica?

— Catherine pergunta o que realmente está acontecendo ali?

— A sequestradora fala: — Use sua inteligência, doutora!

— E gargalha fortemente ao ver minha cara de incredulidade.

— Você está dificultando as coisas para mim, mas vou elucidar para que tudo fique bem claro.

— Eu sou a versão sua que já existe num mundo paralelo a esse.

—E sabe o que vai acontecer, doutora?

— Um de nós vai ter que morrer.

— Adivinha quem? Ah, não me olhe assim!

— A lógica é que não pode existir dois corpos idênticos ocupando o mesmo espaço, minha cara!

— Tem que haver equilíbrio no universo.

— E como minha sócia, você deveria compreender isso que estou lhe falando!

— Isso mesmo, vou te matar e assumir sua identidade neste mundo.

— Catherine fica em estado de choque com aquela revelação absurda.

— Não pode acreditar em tanta sandice.

— Mas ela ao que tudo indicava estava sob os domínios de uma pessoa muito perigosa.

— Não sabia até que ponto ela estava disposta a ir com aquelas alucinações de realidade paralelas. — Aquele misticismo todo. — Será que ela era escrita no canal do Youtube da Library Of Toth? Seguidora de alguma crença antiga, que acredita que é possível acessar outras dimensões? — É bem possível que isso possa estar acontecendo.

— Deve ter tomado algum chá cogumelos para falar coisas tão absurdas quanto aquelas.

— Só podia ser uma piada, e de muito mal gosto, por sinal.

Mas então, sou chamada de volta à realidade que me rodeava e que parecia tão real quanto aparentava.

— Sabe... você tem uma família tão linda, mas que pena que você não tem tempo de cuidar delas. — Eu também não dou a mínima para quaisquer sentimentos em relação a isso. — Por isso, antes de acabar com você quero destruir o que resta de representação de família para você.

Hoje mesmo vou tomar o seu lugar, mas sabe o que vou fazer antes, Catherine?

— Ela mostra uma foto em que ela (Eu) estou rodeada de amigas, possivelmente em alguma reunião em que está escrito logo abaixo “Não acredite nela”

— Isso mesmo, vou destruir o que resta de seu casamento e de sua família.

— Será o que ela vai pensar ao ver essa foto? — A sementinha da dúvida vai tomar forma na cabeça dela, ainda mais depois de você ter dormido fora de casa ontem a noite. — E como você está tão ausente nesses últimos tempos. — Ela não vai pensar fora das evidências, estando bem claras diante dos olhos dela.

— Sua carreira é mais importante do que qualquer outra coisa, que vai ser difícil ela não acreditar.

— Ha ha ha ha!

— Já posso saborear essa dissolução.

— Catherine se descontrola, pois não consegue acreditar nessas coisas que fogem à razão.

— E pergunta: Quem é você de verdade, porra?

— Eu já disse e não vou repetir — Quer você acredite ou não.

— Então, só te peço uma coisa. — Baixe sua bola, pois quem está no controle de tudo por aqui sou eu.

— Eu que mando e você obedece, sacou? Ou eu preciso desenhar?

— Catherine tenta se recompor, se controlar, pois ela precisa sair daquela enrascada que armaram para ela, mas ainda não tem ideia de como reaver sua vida, porque agora se encontrava por um fio.

— Aquela mulher tinha pretensão de matá - lá, de assumir o lugar dela.

— Como ela ia resgatar sua família das mãos daquela louca, se literalmente estava com “os pés e mãos atadas”?

— A sócia de Catherine de repente fala.

— Vou deixar você agora a sós com seus pensamentos, para que recapitule tudo que eu te disse até o momento.

— Não tente nenhuma gracinha, pois tem câmeras de segurança instaladas por aqui.

— Estarei de olho em você.

— Estarei com sua família agora — Quero estar presente quando ela receber aquela foto.

— Quero ver cada emoção que ela expressa — O sentimento de decepção espalhados na fisionomia dela quando certificar que o que ela supôs sobre a esposa dela possivelmente seja verdade.

— Já ia me esquecendo, mas seu trabalho agora é meu também.

— Ah, Cath, posso te chamar assim, de uma maneira mais íntima e pessoal?

— Fica tranquila que amanhã vou trazer novidades para você.

— Lembre - se para todos os efeitos eu sou a versão de você que já existe.

— Passado, presente e futuro já coexistem simultaneamente.

— Estou te dando o privilégio de ver com seus próprios olhos a realidade que você construiu.

— Eu sou o reflexo do que você se tornou.

— Não é interessante essa perspectiva, doutora?

— Queria conversar um pouco mais, porém minha esposa vai me trucidar se eu não chegar a tempo de ver minha filha ir para escola.

— Ela desdenha de Catherine— Fazendo piada do que pode acontecer se ela se atrasar. E diz:

— Ver essa sua cara de raiva e impotência é coisa de outro mundo para mim.

— Rsrrsrsrs!

— Não sabe o bem que isso me faz.

— Você pode mensurar isso?

— Deixa que respondo para você. — Claro que não!

— Você não sabe o que é diversão.

— Já vou indo, até mais, Cath!

— Mais tarde estarei de volta.

\*\*\*\*\*

Quando Elizabeth Mackena, a sócia de Catherine Magaway chegou a casa desta naquela manhã de quinta - feira, o sol já ia alto, a brisa da aurora era quase inexistente naquela hora em que o tempo pintava aquela cena de maneira inversa e até perversamente, pois logo na entrada, no alpendre ela encontrou a esposa de Cath, Cassandra Magaway, com o semblante armado e aparentava estar bem furiosa com ela.

— E ela já foi logo perguntando onde eu tinha passado a noite?

— Dizia ela:

— Eu liguei várias vezes para você, por que diabos não me respondeu, Cath?

— Elizabeth responde que estava trabalhando que nem viu o passar das horas.

— Nem vi o celular tocar, acabei pegando no sono por lá mesmo.

— Ela se volta para mim com uma fúria sem medidas estampada naqueles olhos castanhos — Ah, é! Então me diz que diabos essa foto significa? Quem são essas mulheres com você, Cath? — Me faço de desentendida, mas quero rir dessa farsa toda que montei.

— Mas, respondo.

— Não sei quem são essas pessoas, de verdade, deve ser alguma montagem, sei lá.

— Ela retruca — Montagem? E dispara — Você acha que vou acreditar nisso? Por acaso tem um “B” de boba bem grande escrito na minha testa?

— Resolvi botar mais lenha na fogueira e falei:

— Não me importo se você acredita em mim ou não, estou muito cansada e vou dormir um pouco.

— Cassandra se revolta ao ouvir isso dela e retruca

— Dormir uma ova!

— Olha aqui Cath, não espere que acredite em você, você é uma cínica e fingida.

— E estou lhe avisando que hoje você dorme no quarto de hóspedes, pois não sou obrigada a compactuar com suas mentiras.

— Vejo que você não dá a mínima para nossa filha, não se importou de deixá-la esperando você ontem para dar os parabéns pelo aniversário dela.

— Eu desconheço você, nem parece a mesma pessoa com a qual eu me casei.

— Nosso casamento tem ido de mal a pior e você nem se esforça para tentar melhorar.

— Você só tem tempo para seu maldito trabalho e nada mais.

— Eu a olho de volta querendo aplaudir esses pensamentos que ela estava expressando.

— Porém, faço algo mais que está longe de minha personalidade.

— Digo apenas — É sério isso, Cassandra! Talvez você tenha razão quanto a esse aspecto.

— Sou um monstro sem coração que só pensa em trabalho. — E sigo na direção em que acredito ser meu quarto.

POV - Cassandra François Magaway

Quando conheci Catherine, ela ainda era uma estudante de física, estudava numa das melhores universidades do país. Num determinado dia estava eu num restaurante em comemoração com meus colegas de curso de gastronomia por estarmos nos aproximando do final do curso e fazendo planos de ir numa viagem para conhecer Paris e degustar um pouco dos pratos diversificados existentes por lá.

Foi quando eu a vi, entrando pela porta daquele tão requintado restaurante. Uma pessoa de grande estatura, cabelos castanhos descendo em cascata ao redor dos ombros. Ela andava de uma forma tão elegante, que era como se estivesse num desfile de moda. Quando ela chegou mais perto e me encarou pude contemplar aquele diamante da natureza, os olhos dela eram duas chamas ardentes, de castanho tão claros que pude me ver refletida neles. — Ela me

encarava de volta de uma forma tão intensa e violenta que não sei se estaria pronta para o impacto que ela representava para as minhas emoções.

Foi quando ela se aproximou mais e perguntou se podia sentar -se à minha mesa. Fiquei sem ação e sem saber o que responder a princípio, mas foi a partir dessa atitude dela de um jeito tão direto e sem nenhuma inibição que começamos a nos conectar.

Conversamos bastante naquela noite e depois ela se ofereceu para me levar para casa. E a partir daí saímos mais vezes. E num determinado dia ela me pediu em namoro. Depois veio o noivado e não demorou muito para estarmos casadas.

Uma coisa que discutimos muito durante o período que começamos a nos conhecer foi o desejo partilhado de ter um filho ou uma filha.

E após o casamento fomos visitar clínicas de Fertilização In Vitro - FIV. E optamos por uma das melhores do Estado de São Paulo. O folículo foi implantado no meu útero e resultou em bem sucedido. Finalmente ficamos grávidas de nossa filha Josephine, uma pequena miniatura da minha esposa Catherine.

Mas ultimamente nosso casamento entrou num estágio de extremo desgaste, por conta das sucessivas faltas de diálogo entre nós. Porque como Cath passava muito tempo no trabalho dela, acabamos nos desencontrando de várias maneiras. — Ela chegava tarde da noite em casa praticamente todos os dias e ainda trazia trabalhos para casa nos finais de semana. Dessa maneira não tinha tempo nem para mim nem para a nossa filha, Josephine.

Ontem quando ela não veio para casa fiquei muito preocupada, pois ela nunca tinha feito nada nesse sentido até aquele momento.

Quando hoje pela manhã recebi através de um mensageiro um invólucro pardo e quando abri e vi aquela foto dela rodeadas de mulheres e numa situação tão íntimas. — Fiquei puta da vida com ela. A minha raiva era tanta. Que quando ela chegou logo em seguida como se não devesse nenhuma explicação por ter passado a noite fora, como se não tivesse feito nada fora do comum. — Fez com que perdesse a cabeça com ela.

E quando a confrontei a respeito da foto ela agiu dissimuladamente como se não importasse com o resultado daquilo tudo. — E ela falar que poderia ser uma montagem não entrou na minha cabeça. — não mesmo.

Nem parecia a mulher que me casei, porque Catherine por mais que fosse relapsa quanto a família e tudo mais jamais agiria daquela forma tão incomum e desprezível quando confrontada. E aquela mensagem incutida na foto enviada “ Não confie nela ” me deixou em estado mais alerta possível, com a “pulga atrás das orelhas” como os ditos populares falam, pois não confiaria mesmo depois do que houve.

Ela que me aguardasse, pois não iria me sujeitar a uma vida de desrespeito e faz de contas. — Eu e minha filha iríamos embora. Ela que não me aprontasse mais, pois significa o fim de linhas para nós duas.

POV - Anne Catherine Magaway

Quando conheci Cassandra François, foi num encontro inusitado, estava indo a um restaurante Francês, bem requintado encontrar uns amigos de curso, já que pretendíamos fazer

uma confraternização bem atípico de mim, para depois esticarmos numa boate, porque precisávamos de alguma forma relaxar, pois passar muito tempo entre estudos não sobrava tempo para diversão, por isso iam aproveitar esse momento disponível para recalibrar nossas baterias.

No entanto, ali logo de cara ao entrar no restaurante fui compelida a olhar em determinada direção e perceber que estava sendo observada de volta. Uma mulher, com os cabelos escuros, bem cheios, soltos, esparramados ao redor dos ombros, lábios carnudos, olhos expressos, dava para ver as vestes bem coloridas, deixando à mostra a região dos seios. Ela me encarava de forma tão intensa, que foi impossível não sucumbir e andar em direção aonde ela estava sentada.

Ao chegar onde ela estava — Perguntei: — Posso sentar?

— Ela concordou, sinalizando com um movimento de cabeça para baixo.

Foi aí que minha vida deu um “salto quântico”. Começamos a conversar e descobrir que ela estava no último semestre de gastronomia e pretendia se especializar no exterior, especificamente na capital da França.

Não houve espaço para meus amigos naquela noite, pois só queria saber tudo a respeito dela. E quando findou o jantar. Ela me falou que teria que ir, me ofereci para levar ela em casa. Ela aceitou sem titubear, já que ela pretendia pegar um táxi até a casa dela. — E meus amigos iam ter que esperar outra oportunidade de nos reunirmos, pois eu tinha quase certeza que essa mulher estava predestinada a se tornar o amor de minha vida. — Isso era mais do que certo.

Começamos a nos encontrar frequentemente, conversarmos a respeito de tudo, os sonhos que tínhamos, o ideal de uma vida a dois, os planos para um futuro, nossas preferências. E quando percebi já havia pedido ela em namoro. Apresentei ela aos meus pais. Algum tempo depois já estávamos noivas, por fim chegamos ao casamento. E os planos de ter um filho, finalmente se concretizou. A nossa filha, Josephine nasceu uma criança saudável, trazendo muita alegria para nossas vidas, pois significava um sonho nosso sendo realizado.

Mas, especificamente por minha vida corrida, por conta das constantes horas que tinha que passar no observatório em meio às pesquisas era o entrave para a nossa vida conjunta, pois tomava muito do meu tempo. E Cassandra começou a implicar com isso, pois eu estava sempre ausente das reuniões familiares. Ela que tinha que ser tudo na nossa família, o pai e a mãe da nossa pequena Josephine.

Eu chegava em casa tarde da noite, minha filha já estava dormindo. Ao passo que nossa relação conjugal começou a esfriar, pois não tinha tempo de dar atenção a ambas. E as brigas eram a única forma de comunicação que tínhamos, porque não havia mais espaços para diálogos. Cassandra estava com os nervos à flor da pele, apesar de ultimamente ela está guardando as impressões para si.

No entanto, com aquela tresloucada de minha sócia usurpando minha vida e meu trabalho, iria dificultar e muito as minhas chances de tentar consertar alguma coisa em relação ao meu casamento. Porém eu tinha que buscar uma solução para ter as rédeas de minha vida de volta antes que fosse tarde demais, porque eu devia isso para mim mesma, para minha esposa e para a minha filhinha. — Só não saberia por onde começar.

O tempo parecia ter parado para mim, isso eu podia visualizar claramente, pois a qualquer momento aquela maluca poderia pôr fim a minha vida como havia anunciado/prometido. Todavia, de repente ouço um barulho estranho vindo possivelmente da porta, um clique metálico de uma fechadura se abrindo, vejo a luz claridade do dia penetrando no limiar da porta, logo em seguida o lampião sendo aceso e a porta se fechando.

Percebo que não é minha sócia, mas um homem de estatura mediana que caminha lentamente em direção ao local em que estou. Ela vestia uma capa preta com um capuz sobre a cabeça que a princípio não dava para perceber de quem se tratava, mas quando ele retirou o capuz pude ver claramente quem era. — Era meu amigo e parceiro de trabalho desde sempre, Gilbert Michelin. Tínhamos uma história de longo prazo juntos, amigos inseparáveis, nos graduamos em física pela USP, fizemos mestrado e doutorado também, mas pelo visto ele tinha se aliado àquela louca para alcançar algum propósito em comum.

Gilbert fala — Você deve estar se perguntando como me uni a sua sócia Elizabeth, não é?

— Pois, já a conheço desde sempre, somos do mesmo mundo, ela que me convenceu a vir para cá — Você deve estar se perguntando o que aconteceu a seu amigo Gilbert, agora?

— Ele não existe mais no seu mundo, pois tive que acabar com ele, porque não pode haver dois iguais numa mesma dimensão.

— Eu sou muito ambicioso para continuar ao lado de uma pessoa tão apagada quanto você, apesar de muito inteligente.

— Meus planos vão muito além do que você pode imaginar.

— E trouxe Elizabeth para este mundo, porque sei do potencial dela e também por ela ser da mesma área que a nossa e ainda dominar saberes que vão muito além do que a gente consegue ver. — Ela tem uma capacidade grande de liderar, sou uma seguidora fiel dela, porém, vou te confessar uma coisa. — Ela é uma pessoa muito instável e imprevisível, pode esperar qualquer coisa vindo dela. — Ela pode mudar a direção do jogo a qualquer momento.

— Então só te digo uma coisa, Cath, fique sempre em alerta com ela, pois ela pode te descartar ou reaproveitar suas habilidades para um jogo mais emblemático e duradouro.

Elizabeth Mackenna

Elizabeth viu tudo que estava acontecendo no bunker, a chegada de Gilbert e as revelações que ele havia feito para Cath. Por isso ela resolve agir e envia mais um envelope anônimo para sua esposa Cassandra queria com isso fechar o caixão de vez daquele casamento já fadado ao fracasso desde sempre. Cath que a aguardasse mais tarde que ela tinha novidades incríveis para contar para ela, inclusive as pretensões dela para com ela que já começava a ser delineada em sua cabeça.

Estava indo em direção a saída quando se deparou com uma Cassandra muito enlouquecida e cheia de ódio, porque tinha acabado de receber mais um pacote sem remetente trazia uma foto em mãos que revelava uma comemoração a dois com certeza que supostamente trazia a imagem de duas canecas talvez no seu conteúdo café, tirada possivelmente num quarto de motel ou algo mais rebuscado, pois revelava lençóis de seda.

Mas que não confirmava absolutamente coisa alguma, apenas levantava mais suspeitas, pois revelava uma sequência de atos praticados, após uma reunião bem íntima como demonstrava a imagem que ela já havia recebido na noite anterior. — E duas xícaras de café, adicionava mais dramaticidade à cena. — Era para ser caixão e vela. — Não tinha como não ser.

— Cath, chega perto de Cassandra (Elizabeth) com a voz alterada e o dedo em riste e pergunta;

— O que significa isso, Cath, primeiro recebo uma foto sua com “amigas”, depois recebo essa foto aqui que me induz a pensar que houve um desencadear dessa noite, você pode me explicar o que está acontecendo, droga?

— Não tente me enrolar dessa vez, pois já estou cansada de suas reticências todas.

— E te digo mais, isso pode significar que o nosso casamento termina por aqui, pois quero o divórcio Catherine.

— Não aceito mais meios - termos, porque para mim acaba por aqui.

— Tolerei muitas faltas em relação a você, suportei, esperei por uma atitude diferente sua, porém, traição, jamais.

Então, nem pense que nossa filha irá ficar com você, porque não quero que ela cresça vendo esses maus exemplos que você tem para dar. — Ela diz a plenos pulmões, com os olhos injetados de ódio e raiva.

— Quando eu tento revidar de volta todos os insultos que ela me lançou, pois queria finalizar aquele enlace o mais rápido possível.

— Uma criança aparece chorando, interferindo em nossa discussão, pedindo que não brigemos. — Posso perceber que é uma criança de aproximadamente cinco anos, possivelmente filha de Catherine, Josephine.

— Ela corre até mim chorando e pede que não brigue com a outra mamãe, porque ela ama a nós duas e não quer ver a gente discutindo, pois quer que sejamos uma família de verdade, não quer que nos separemos. — E neste momento não estou preparada para o abraço tão genuíno e cheio de afeto que recebi.

— Fiquei tão envolvida, pois pela primeira vez em muitos anos fui tocada de uma maneira tão intensa por aquela criança tão linda e cheia de amor, que foi o jeito transbordar com ela.

— E respondi sem nem pensar muito.

— Eu e sua mãe só estávamos tentando ajustar algumas coisas, não vamos nos separar, afinal temos algo tão lindo que nos mantém unidas, não é Cass?

— E sigo para dar um abraço em Cassandra, um abraço a três.

— Ela me olha como se dissesse, mais tarde conversamos, pois só não digo nada por agora, pela nossa filha, Josephine.

— Não estou me reconhecendo, amolecendo desse jeito diante de uma criança.

— E não esperava que essa Cassandra fosse uma mulher tão vibratória, sanguinária, ardente.

— Não sei como Cath não percebeu a mulher que ela tem deixado de lado esse tempo todo.

— Balanço a cabeça, tentando expulsar essa animosidade que parece intervir nos meus desejos, busco centrar em ser a Elizabeth Mackenna que sempre existiu e agora em representar a Cath, minha sócia e me manter distante dessa mulher. No entanto, parece que fui atingida por um raio de consciência de repente que não quer restabelecer meus velhos hábitos. — O que sempre fui de verdade — Isso, para mim, é muito surpreendente.

Como pretendia ir até o bunker, pois queria confrontar Catherine com o que vi pelas câmeras de seguranças. — E ver Gilbert aparecendo por lá sem me avisar deixou - me com o pé atrás com ele. — Porém ele não contava que eu estivesse instalando sistemas de câmeras, sem ele ter ciência disso. — Estávamos quites — Ele que não bancasse o traidor a essa altura do campeonato. — Eu acabaria com ele em dois tempos, sem pestanejar.

Por isso, ao chegar naquela cabana no meio da tarde, notei Cath, meio quieta, com o olhar apagado, cabisbaixa, como se esperasse o pior de mim, como se o matadouro para ela estivesse se aproximando. — Só que ela não sabia que tinha planos melhores para ela do que uma morte súbita apenas.

Faria com que ela recapitular tudo que ela havia feito aos outros passarem, mesmo sem que ela quisesse, por isso ela pretendia enviar ela para uma outra dimensão em que ela seria cassada não como uma benfeitora, mas como uma pessoa mesquinha capaz de qualquer coisa para alcançar sucesso. — Ela viveria sob a pele de Elizabeth Mackenna, queria ver como ela se sairia diante disso.

Então ela se aproxima de Cath e começa a narrar como ela veio parar ali e como ela tem o poder de controlar o tempo. — Ela inicia a falando que tem um objeto mágico e antigo, que toda vez que ela acende ele, ela consegue visualizar um obelisco grande se materializando bem diante dela, com isso ela é capaz de viajar entre tempos de forma simultânea sem ser afetado por eles de nenhuma forma. E esse deslocamento faz com que ela permaneça sempre com o mesmo aspecto, pois quando se move, enquanto para alguns o tempo passa, para quem domina o tempo ele permanece imutável.

Ela fala que o propósito dela naquele mundo é encontrar a pessoa que possui a outra parte da chave que vai fazer ela ter o controle total sobre todos os mundos quando se unir a ela se tornarão uma só pessoa, pois assim diz a lenda.

Catherine ainda se mostra cética quanto a isso, pois como pesquisadora e cientista ela não acredita nessas coisas. Mas, para sua maior surpresa, sua sócia lhe diz que mostrará a ela toda a verdade para que ela creia. E isso só é possível se ela viver tudo de uma forma que ela jamais imaginou.

Então agora vou te levar para conhecer um novo mundo. — Vou te mostrar toda a verdade para que acredites no que estou te falando.

Levo Catherine até um espaço liminar, um lugar de rochedo, acende o lampião a gás, espero a hora em que o portal vai se abrir. E finalmente levo Catherine em direção a ele para que ela perceba que nunca menti em relação à coisa alguma que contei a ela, apenas que a partir de agora tinha outros desígnios para a vida dela e não o destino de uma morte rápida, mas uma

morte com presença, sem ser algo que a pessoa deseja, que acabe com a culpa que elas carregam de forma rápida.

Ela que aguardasse que o destino dela já estava sendo traçado naquelas linhas de uma forma que ela nunca imaginou, porém aquilo era mutável — Dependia dela ter outra perspectiva. — Por isso a partir de agora o destino dela estava lançado e ela era detentora da chave que faria mudar tudo.

Catherine andava a frente da sua sócia quando de forma inusitada é atacada pelas costas, leva uma paulada na nuca que faz com que ela desmaie e fique desacordada por horas a fio sem que ela possa perceber o que ocorreu nesse tempo. — Ela está inconsciente — Quando ela retorna a consciência, vê que se encontra algemada a uma cama que parece ser de uma ala de algum hospital.

E constata que caiu numa cilada sem precedentes quando decidiu conhecer a possível verdade que Elizabeth dizia de maneira contundente ser verdadeira. Ela olha para a horas e vê que já se passaram muitas horas desde a última hora que ela veio da travessia da clareira. — Como pode ser isso?

— Ela chama a enfermeira e pergunta porque ela se encontra algemada naquela cama de hospital. — Ela responde: — Por que você é uma paciente de alta periculosidade e praticou danos irreversíveis ao império do Brasil, por isso fora condenada a ficar sob a tutela daquele hospital até segunda ordem. Pergunto - lhe — como havia chegado até ali — Ela me diz: — Que a polícia havia recebido uma denúncia anônima em que dizia que a tinha visto andando numa área, especificamente numa cidade do interior de São Paulo.

Ela não acredita muito nessa versão da história, pois ela nunca havia saído da capital paulista, que fazia parte da República Federativa do Brasil. Ela viu suas certezas começarem a se desmoronar a partir daquele instante. — Ela sinceramente, estava completamente sem escolhas naquele mundo estranho em que ela desconhecia as regras. E não tinha a menor noção de como fazer para voltar no tempo e buscar reconquistar a vida que ela tinha desperdiçado. Só resta a ela agora colocar a cabeça no lugar e lembrar como o eu dela se comportaria naquele mundo. — Ela poderia fazer descobertas importantíssimas para conseguir voltar para sua realidade.

## **Nao acredite nela!, de Omuwandiisi**

### **CAPÍTULO 1 - A Fotografia**

Helena olhou e não reconheceu a própria imagem refletida no espelho do banheiro. Disse a elas que iria retocar a maquiagem, o batom. Mas era mais do que isso. Ela precisou respirar.

Elas eram amigas. Conheceram-se na faculdade. Um trote idiota. Juntas estiveram quando começou o trote, juntas permaneceram e conseguiram superar todo o grotesco em que foram empurradas, jogadas. Juntas estão até hoje, mas não todas. Falta Carla.

Carla.

O encontro era para isso: falar sobre o desaparecimento de Carla, mas até agora nenhuma delas tinha tocado no nome da amiga.

Helena não lembrou exatamente quando começou a desconfiar de que algo não estava certo. Quando começaram as desconfianças? Talvez não tivesse sido um momento, mas um acúmulo de pequenos silêncios, olhares desviados, frases que terminavam antes da hora ou demoravam para começar. Ainda assim, nada disso pareceu suficiente para justificar o aperto que agora sentia no peito.

Até encontrar a fotografia.

Ela estava dentro da bolsa de Helena.

Como aquela foto foi parar ali? Helena procurou um batom — ele sempre tinha alguns, espalhados em compartimentos caóticos — quando seus dedos tocaram algo mais rígido, de formato desconhecido, entre o forro e um zíper interno.

Era uma foto antiga delas, do tempo da faculdade. Daquelas fotos que são tiradas em um momento especial.

E ali estavam as quatro.

Helena, Cecília, Maitê e Laura: sorrindo, felizes, perfeitas.

A foto tinha sido tirada por Carla.

A imagem estava tão preservada que pareceu recente, mas o sentimento que ela despertou era antigo, como se tivesse sido tirada antes de alguma coisa despedaçar-se, mesmo que Helena não soubesse dizer exatamente o que quebrou-se.

Ela passou o polegar pela superfície levemente opaca, reconhecendo cada detalhe. Lembrou-se do momento em que ela foi tirada. Elas estavam fazendo um esquentão antes do show da banda alemã Scorpions.

Maitê à esquerda, com aquele sorriso discreto que sempre escondia mais do que revelava. Cecília ao lado dela, com os olhos atentos e o rosto relaxado, como se estivesse segura, protegida. Laura, na outra ponta, radiante, quase brilhando. E Helena, bem, Helena ali no meio, espremida entre as amigas, como se estivesse sendo fundida para o sempre. Como se pertencessem eternamente àquele momento. Como se ainda aquele momento pertencesse a elas.

Foi então que viu a frase. Não a notara, tão encantada ficara por lembrar-se daquele dia.

Escrita à mão, com caneta preta, na parte inferior da foto: "Não acredite nela!"

Helena franziu a testa. Era título de uma música da banda Scorpions. Lembrou-se da letra...

"Pronto para a diversão

Minha vez de matar

Apenas vivendo meus sonhos

Pelo amor de Deus!

Ela está na ativa  
A rainha de um vigário retorcido  
E então uma noite, demos um passeio  
Ela me dominou  
Escandalosamente  
Não é real  
Eu estava bêbado demais para ver  
Antes de você ir fundo  
E ser queimado pelo calor  
Oh sim  
Ela te levará lá  
Você sabe, isto aconteceu comigo  
Ela fará seu coração partir  
Ela lhe dará tesão  
Ela lhe contará tudo, mas não acredite nela  
Uma perfeita estranha  
Ela conhece o jogo  
E irá prometer o paraíso na terra  
Mas não acredite nela" <sup>1</sup>

O banheiro pareceu encolher um pouco ao redor dela. Com a mão livre, apoiou-se na pia. Respirou descompassadamente.

— Helena?

A voz de Cecília veio de longe, mas despreocupada. Helena não respondeu imediatamente. Inspirou e expirou pausadamente. Procurou conciliar os batimentos do seu coração. Seus olhos continuaram presos àquelas palavras: "Não acredite nela!"

Nela quem?

— Helena? — Cecília chamou de novo, agora mais perto.

Batidas na porta obrigaram-na a agir rapidamente. Dessa vez, ela respondeu:

— Já vou.

Aguardou um momento, dando um tempo para Cecília voltar para a sala. Rapidamente, colocou a foto de volta onde encontrou. Fechou o zíper. Pegou o batom e passou nos lábios, dando um brilho renovado, esperando que ninguém notasse sua aparência, que ela percebia um pouco pálida.

Respirou fundo.

Saiu do banheiro, cruzou o pequeno corredor do apartamento e encontrou as três na sala.

Laura estava sentada no braço do sofá, concentrada, mexendo no celular. Maitê encostada na parede, uma taça de vinho na mão, observando em silêncio. E Cecília, bem, Cecília estava no centro, como sempre parecia estar, mesmo quando não percebia.

Helena achou que ela fazia isso de propósito.

— Demorou, amiga — Laura comentou, sem tirar os olhos da tela do smartphone.

— Nunca fui boa com maquiagem — Helena respondeu, dando de ombros.

Cecília sorriu para ela. Um sorriso doce, conciliador. O sorriso que Helena conhecia muito bem, bem até demais. E gostava dele, mas, às vezes, não sabia por quê.

— Vem cá — pediu Cecília, estendendo a mão, sem tirar o sorriso dos lábios.

Helena hesitou por uma fração de segundo, mas Maitê percebeu. Seus olhos moveram-se lentamente de Helena para Cecília. Franziu a testa, observando a cena com mais atenção.

Helena cruzou o pequeno espaço entre elas, aproximou-se e segurou a mão de Cecília, quente e firme.

— Você está estranha — Cecília murmurou, inclinando a cabeça, perscrutando sua face.

— Estou normal — Helena respondeu rápido demais, tentando demonstrar segurança.

Laura soltou uma risada curta.

— "Estou normal" é a frase mais suspeita do mundo.

— E você entende bem disso, não é? — Helena retrucou, sem hesitação.

Laura levantou os olhos do celular, encarando Helena. Maitê esvaziou a taça de vinho e caminhou em direção ao barzinho.

Cecília segurou a mão de Helena com um pouco mais de força.

— Acho que você vai ter que desenhar. O que você quis dizer? — Laura perguntou, a voz ainda calma, mas com certa ironia.

Helena piscou, só então percebendo o que tinha dito.

— Nada. Foi brincadeira.

— Mas não parecia. E ninguém riu — Laura afirmou, sem esconder agora um certo descontentamento.

Todas se encararam. O ambiente ficou, de repente, opressor. Maitê foi a primeira a desviar o olhar.

— Acho que nós devemos ir — disse, depois de tomar um gole de vinho.

— Já? — Cecília perguntou, confusa.

Não tinha soltado da mão de Helena.

— Concordo — Laura sussurrou, levantando-se devagar, pegando sua bolsa.

"Não acredite nela!"

Por um momento, Helena sentiu vontade de arrancar a foto de sua bolsa. De mostrar a elas. De perguntar: "Quem pôs essa foto aqui?"; quem escreveu: "Não acredite nela!"

Porém, não fez nada. Permaneceu de mãos dadas com Cecília.

— A gente se fala — Maitê disse, passando por Helena, seguindo Laura.

O olhar que Maitê lançou a Helena foi denso demais para ser interpretado com algum significado. Ou talvez não.

Quando a porta fechou-se, o silêncio ficou menos denso. A sala ficou mais confortável.

Cecília voltou-se para Helena.

— O que está acontecendo?

Helena abriu a boca, mas nada respondeu.

Porque, por enquanto, ela não tinha certeza se tinha uma resposta. Será que Cecília teria?

## Capítulo II – Contenção

Helena não ficou muito tempo com Cecília. Após Laura e Maitê deixarem o apartamento, as duas amigas conversaram um pouco, nada importante, mesmo que, no íntimo, Helena quisesse confrontar Cecília, a foto e a frase, mas não teve coragem. Helena não imaginou Cecília mentindo para ela, porém não quis arriscar.

"Não acredite nela!"

A frase ainda martelou em sua mente, mas "não acreditar em quem?"

A história do sumiço de Carla ainda a deixou intrigada, afinal elas, Laura, Cecília e Maitê, foram as últimas pessoas que viram Carla. Helena lembrou que Carla tinha dito que iria acampar com alguns amigos. Porém, se ela foi, ela teria deixado uma mensagem para elas. Helena não recebeu nenhuma, mas também não soube se as outras tinham recebido.

Cansada e sonolenta, ela tinha acabado de tomar um banho leve e estava já deitada para dormir. Ajeitou-se na confortável cama, olhou mais uma vez para os contatos do smartphone. Nada.

Abriu, no celular, a playlist no seu aplicativo favorito e clicou em uma música qualquer, como sempre fazia toda noite. Ela soube que dormiria antes de a música terminar. Concentrou-se na melodia e fechou os olhos...

"Um brinde às pessoas que temos

Um brinde ao desejo de que você estivesse aqui, mas não está

Porque as bebidas trazem de volta todas as lembranças

De tudo que já passamos  
Um brinde aos que estão aqui hoje  
Um brinde para aqueles que perdemos pelo caminho  
Porque as bebidas trazem de volta todas as lembranças  
E as lembranças trazem de volta, as lembranças trazem de volta você  
Houve um tempo, eu me lembro  
Em que eu não conhecia nenhuma dor  
Quando eu acreditava no para sempre  
E que tudo continuaria igual  
Agora meu coração se sente como em dezembro  
Quando alguém diz o seu nome  
Porque eu não consigo criar coragem para te ligar  
Mas eu sei que um dia vou conseguir, sim  
Todo mundo se machuca às vezes  
Todo mundo se machuca algum dia, ei, ei  
Mas vai ficar tudo bem  
Vá e levante um copo e diga, ei" 2  
... o O o...

O cheiro era forte demais, no entanto ela não conseguiu definir o que estava cheirando. Helena absorveu isso antes de qualquer outra coisa. O ambiente era bem iluminado. As paredes eram brancas, sem janelas. Um bip ritmado ao fundo criou uma imagem em sua mente sem mesmo saber onde estava, uma imagem que fez seu corpo travar por um momento.

Foi o cheiro o que chamou mais atenção, apesar de tudo estar limpo demais, estéril! Como se ali dentro nada pudesse sobreviver.

— Você demorou.

A voz veio fraca, mas reconhecível. Helena virou-se e encarou os olhos frios da dona da voz: Carla. Ela estava em uma cama impecavelmente limpa. O braço direito preso por uma algema à estrutura metálica lateral da cama. Não parecia violento — pelo menos não havia marcas, nem esforço visível —, mas aquilo deixou tudo estranho, errado.

Indefinido.

— Eu vim assim que pude — Helena respondeu, tentando manter a voz firme.

Mentira. Ela não sabia o que estava fazendo ali. E ali ela nem sabia onde era. Passaram-se segundos, um minuto... Talvez mais. No entanto, tempo suficiente para pensar em mil possibilidades e ainda assim não chegar a nenhuma resposta que fizesse sentido.

— Claro — Carla murmurou, desviando o olhar para a parede. Na parede, um quadro imenso de um entardecer. Na imagem, a luz do fim da tarde brilhava suave, bonita. Em outra história, seria acolhedora. Ali, pareceu ordinária.

Helena deu alguns passos para dentro do quarto, aproximando-se da cama.

— Eu não acredito que isso seja necessário — apontou a algema.

Ela não soube exatamente por que estava dizendo aquilo. Era tudo muito surreal.

Carla soltou um riso curto, sem humor.

— Depende de quem você acredita.

A frase deixou Helena desnorteada, a saliva presa na garganta.

"Não acredite nela!"

— O que aconteceu? — Perguntou, finalmente.

Carla passou a língua pelos lábios, pensativa.

— O que te disseram? — Perguntou, voltando-se para a imagem.

— Ninguém me disse nada — Helena respondeu rápido. — Eu só recebi uma fotografia.

Sim. Havia a foto. A frase. E uma dúvida crescendo como algo vivo dentro dela. Carla voltou a encará-la. Os olhos estavam diferentes. Era dor? Era cansaço? Não pareceram os olhos da Carla.

Carla assentiu lentamente, como se constatasse algo que já sabia.

— Faz sentido.

— Faz sentido o quê?

— Você estar aqui com essa cara.

— Que cara?

— De quem não sabe o que está fazendo. De quem não sabe se fica ou se vai.

Helena estava totalmente perdida.

— Eu estou aqui, não estou?

— Está — Carla concordou. — Mas não inteira.

O monitor ao lado apitou mais alto por um segundo, depois voltou ao ritmo contínuo. Helena aproximou-se mais.

— Eu quero entender o que está acontecendo, no que acreditar.

Carla riu de novo, mas dessa vez houve algo mais amargo, ácido.

— Não. Você quer decidir em "quem" acreditar.

Helena abriu a boca para negar, mas parou. Porque não era mentira.

— Então me ajuda, Carla — disse, mais baixo. — Me fala o que aconteceu.

Carla a observou por alguns segundos, segundos longos demais.

— Machucaram-me...

O ar pareceu deixar o quarto.

— O quê?

— Não sei como fizeram — ela continuou rápido.

Helena sentiu o estômago revirar.

— Quem?

Outra pausa.

— Maitê.

O nome veio quase em um murmúrio. Helena deu um passo para trás, sem perceber.

— Isso não faz sentido.

— Eu sei.

— Vocês duas são amigas. Maitê nunca...

— Não acredite nela! — Carla interrompeu, pela primeira vez elevando a voz.

As palavras ecoaram pelo quarto. Helena não acreditou naquilo.

Carla fechou os olhos, respirando fundo. Quando voltou a falar, a voz estava mais cadenciada.

— Não foi um acidente.

Helena passou a mão pelo rosto. Nada daquilo se encaixou. A foto. A frase. Agora, isso. Nada ali era aparentemente normal.

— Será que você perdeu o controle? — Helena questionou, olhando a algema, antes de conseguir impedir-se.

Carla abriu os olhos lentamente, e ali estava algo diferente, algo perigoso.

— Você não acredita em mim.

— Carla...

— Você não é minha amiga?

A pergunta veio direta, sem espaço para evasão. Helena hesitou, e isso foi mais que suficiente para Carla.

Ela virou o rosto para o quadro.

— Eu devia ter imaginado.

— Sou sua amiga.

— Não, não é não!

Helena voltou a aproximar-se da cama.

— Então conta-me o que aconteceu.

Carla ficou em silêncio, decidindo. Quando falou, Helena sentiu ela estar escolhendo cada palavra com cuidado.

— Nós brigamos.

— Por quê?

— Por você.

Os olhos de Helena estreitaram-se.

— Como assim?

— Pergunta para a Maitê.

O nome dela de novo. Mas por que ela? Por que não Laura, Cecília?

— Eu estou perguntando para você. Ajuda-me!

Carla virou a cabeça devagar, abandonando o quadro, encarando Helena com uma intensidade que fez algo dentro dela vacilar.

— Não acredite nela!

A frase de novo, agora dita viva, sem foto, papel ou tinta. Cara a cara.

Helena sentiu o coração acelerar.

— Por quê?

Carla sustentou o olhar e, pela primeira vez desde que Helena entrou naquele quarto, houve algo ali que pareceu medo, terror.

— Porque ela sabe exatamente o que está fazendo.

O monitor começou a apitar alto, desenfreado...

... o O o...

Helena acordou assustada, molhada de suor. Um zumbido alto tocando nos seus ouvidos como se estivesse tudo errado. Mas ela sentiu: algo estava errado...

### Capítulo III - A Porta Aberta

Helena tomou uma decisão. Ela precisou ir aonde tudo aconteceu, ou seja, onde ela achou que tinha acontecido algo. Ela parou na entrada da cabana, absorvendo o cheiro de madeira antiga e umidade leve que vinha da mata ao redor. Ela abriu a porta e deu um passo para o interior. O cheiro ali dentro era diferente, como se tudo tivesse sido abandonado por muito tempo. Não pareceu ter sido aberto recentemente.

Deixou a escancarada e tinha luz demais vindo de fora. Brilho demais para um lugar que claramente escondia alguma coisa.

"Será que elas estiveram realmente aqui?", devaneou sombriamente.

— Foi aqui que ficamos.

Ela estava com Laura.

A voz de Laura, às suas costas, trouxe-a de volta. Helena não virou-se imediatamente. Seus olhos percorreram o chão de madeira, as paredes nuas, o teto baixo. Havia algo naquele lugar que não combinava. Tudo pareceu tão limpo.

— Você não precisava vir — continuou Laura, entrando devagar.

Os passos dela foram leves, indecisos.

— Eu precisava ver o que você veria — Helena respondeu.

Agora ela se virou, encarando a amiga. Laura estava exatamente como sempre pareceu: impecável, segura, controlada.

Helena tornou a olhar ao redor, mas estava tudo perfeito, como se nada tivesse saído do lugar; como se nada tivesse sido quebrado.

— Não tem muito o que ver — Laura disse, cruzando os braços. — Já limparam tudo.

Limparam.

A palavra ficou ecoando: limparam, limparam, limparam...

Depois de Helena contar o sonho que teve com Carla para Laura, da algema, do lugar estranho parecendo um quarto de hospital, Laura contou que elas quatro tinham brigado.

Helena deu alguns passos pelo ambiente, sentindo o chão ranger sob seus pés.

— O que aconteceu aqui, de verdade? — Perguntou, sem rodeios.

Laura inclinou levemente a cabeça.

— Eu já contei.

— É, você contou-me a sua versão.

— E isso não é suficiente?

— Não.

Laura silenciou. Helena voltou a encará-la. Laura sustentou o olhar por segundos, petulante, medindo até onde Helena seguiria.

— Você foi ver a Cecília, não é? Não houve sonho nenhum.

Helena não respondeu, afinal ela não falou com Cecília, com ninguém, mas resolveu emudecer para deixar dúvidas em Laura.

Laura sorriu de leve.

— Claro que foi.

— Ela disse que vocês brigaram feio — Helena jogou. Era um lance ousado, mas aquela história precisava de ousadia.

— Disse?

— Disse que foi por minha causa — continuou, ousada.

O sorriso de Laura não desapareceu, mas mudou: ficou mais... estranho?

— E você acreditou?

O questionamento veio com calma, o que irritou Helena mais do que qualquer acusação.

— Eu estou tentando entender.

— Não — Laura revidou, aproximando-se um passo. — Você está tentando jogar uma contra a outra.

Helena sentiu o coração acelerar.

— E você? — Retrucou. — Está tentando o quê?

Laura não respondeu imediatamente. Seus olhos deslizaram pelo ambiente, como se procurasse algo esquecido por ali, ou por palavras certas.

— Eu estou tentando evitar que você se machuque — disse, por fim.

Helena soltou uma risada curta, sem humor.

— Engraçado. Porque foi exatamente isso que a Cecília disse — mais um lance, perigoso dessa vez.

Agora sim algo mudou. Foi rápido, quase imperceptível, mas Helena notou.

— Ela pediu a você para não acreditar em mim, não foi? — Laura indagou sem atalho.

Helena ficou em silêncio. Quis que a outra ficasse com dúvidas. Laura assentiu, lentamente, como se confirmasse algo que já esperava.

— É claro.

— Claro o quê?

— Inverter a culpa.

— Você está dizendo que Cecília está mentindo?

— Eu estou dizendo que ela sabe jogar.

O chão rangeu de novo quando Helena recuou um passo, afastando-se de Laura.

— E você não?

Laura sorriu, sem esconder a ironia.

— Eu nunca disse que não.

O ambiente ficou mais tenso, mais denso.

Helena olhou ao redor mais uma vez. Um pressentimento, como se algo chamasse sua atenção. Deu um passo. Perto da parede lateral, uma marca quase escondida pela luz.

Ela se aproximou, abaixou-se. Passou os dedos pela madeira envelhecida do chão. Arranhões que pareceram recentes.

— O que é isso? — Perguntou, sem olhar para trás.

Quando Helena se virou, Laura estava perto de novo, muito perto.

— Você tem certeza que quer saber?

— Eu estou aqui para isso.

Laura encarou-a por um segundo, e então suspirou, como quem decide parar de esconder algo.

— A Carla tentou ir embora.

Helena sentiu o corpo retesar.

— E?

— E a Maitê não deixou.

O tempo pareceu congelar.

— Isso não faz sentido. Maitê não faria mal a ninguém.

— Não?

Laura deu mais um passo. Agora estavam a poucos centímetros.

— Você nunca percebeu como ela fica quando acha que vai perder alguém?

Helena abriu a boca, mas nenhum som veio. Quis responder qualquer coisa, uma escusa, mas nenhuma frase segura se formou.

— Ela desespera-se — Laura continuou. — E quando se enfurece, ela age sem pensar.

— E você não fez nada? — Helena disse. — Nem Cecília?

Laura arqueou uma sobrancelha.

— Não!

O tempo parou.

O silêncio que seguiu-se revelou mais do que qualquer coisa. Helena levantou-se e recuou em direção à porta de saída.

— Vocês estava aqui e não fez nada — Helena afirmou com pesar.

Laura encarou Helena.

— Eu não estava, cheguei depois.

— Mentira!

Laura desviou o olhar e, naquele gesto, demonstrou que escondia algo. Era, talvez, medo. Ou qualquer coisa que se pareceu muito com isso.

— Cheguei depois que tudo já tinha saído do controle.

Helena respirou profundamente. Sentiu o peito apertado, a cabeça vazia.

— E a Carla?

— Estava bem — Laura respondeu rápido demais, rápido o suficiente para levantar dúvida.

— Estava mesmo?

Laura não respondeu e isso disse tudo.

Um vento úmido e gelado entrou pela porta aberta, fazendo os pelos de Helena se eriçarem. Ela olhou para fora e viu luz demais, claridade demais, como se a luz indicasse um caminho limpo para fugir, mas algo a mantinha ali dentro. Mesmo assim, decidiu ir e caminhou para sair da cabana.

— Helena — Laura chamou.

Ela virou-se.

— Você confia em mim?

A pergunta ficou suspensa entre elas. Helena pensou na foto. Na frase. No sonho com Carla algemada. Nos arranhões no chão. E nada se encaixou.

"Não acredite nela!"

Nada era simples; tudo pareceu perigoso.

— Eu não sei — respondeu, finalmente. — Preciso pensar.

Laura assentiu devagar, como se já esperasse pela resposta de Helena.

— Então decide rápido.

— Por quê?

Laura deu seu insuportável sorriso, mas, é claro, sem humor.

— Porque se você demorar muito, o futuro pode não ter conserto.

O vento soprou mais forte, fazendo as folhas secas voarem do chão, fazendo a porta bater levemente contra a parede. Sem titubear, Helena saiu da cabana.

Enquanto caminhou, pensou que talvez o problema não fosse quem estava mentindo, mas quem estava dizendo a verdade pela metade.

## Capítulo IV - Que Se Quebra

Helena decidiu confrontar, agora, Cecília. Deixaria Maitê por último. Assim, teria mais argumentos para uma conversa final com ela.

Não havia avisado Cecília. Estava agora em frente à porta do apartamento da amiga apertando a campainha. Era a terceira vez que apertava o botão. Sabia que ela estava lá dentro e não entendeu a demora dela.

Então, a porta abriu-se parcialmente, mostrando uma Cecília surpresa. Gotículas de suor eram possíveis de serem vistas em sua fronte. Empurrando a porta, Helena adentrou sem ser convidada, olhando ao redor. A sala estava uma bagunça, como se tivesse sido revirada por alguém procurando algo.

— Limpando o apartamento? Alguém entrou aqui?

Cecília não respondeu. Fechou a porta, olhando para a sala, para as coisas espalhadas.

— É, alguém invadiu meu apartamento — respondeu, indecisa.

Helena deu um giro de 360 graus, observando tudo. Então, ela viu. Os óculos estavam no chão. Ela quase passou direto por eles, mas algo — talvez o reflexo da luz, talvez o formato familiar — fez seus olhos voltarem. Ela parou, agachou-se lentamente e pegou.

Uma das lentes estava estilhaçada, trincas se espalhando como uma teia de aranha. A outra ainda intacta, mas suja, opaca, incapaz de deixar ver com clareza.

— São da Carla.

A voz de Cecília veio às suas costas, mas Helena não virou-se.

— Eu sei — respondeu.

Os dedos dela seguraram a armação com delicadeza.

— Onde você achou isso? — Indagou Cecília, ao aproximar-se a passos lentos, quase sorrateira.

— Aqui mesmo — Helena disse. — No meio dessa bagunça. O que aconteceu aqui?

Nenhuma resposta. A mudez de Cecília disse mais do que se ela tivesse respondido a Helena.

Helena se levantou e virou-se, encarando a amiga.

— Como os óculos da Carla vieram parar aqui?

Cecília sustentou o olhar.

— Eu não sei. Juro! Você precisa acreditar em mim.

"Não acredite nela!"

— Então, como eles vieram parar aqui?

Cecília abaixou os olhos, fazendo uma pausa. Pequena, mas o suficiente para Helena notar um leve tremor nos lábios dela.

Helena aproximou-se da amiga.

— Carla estava com eles na cabana?

— Pode ser.

— Foi lá que eles foram quebrados?

Cecília não respondeu e, dessa vez, o silêncio não era estratégico, era fraqueza. Helena soube.

— Fala a verdade — disse, mais firme. — Não minta.

Cecília desviou o olhar, encarando o vazio. Foi por um momento, mas disse tudo.

— Eu não menti — disse.

— Não? — Helena refutou.

Os óculos ainda estavam na mão dela e pesavam, pesavam mais do que deveriam.

— A Laura disse que não viu nada.

— Ela diria isso.

— Ela disse que você e Maitê estavam com a Carla.

— Ela também estava.

— Você está mentindo — a acusação saiu antes que Helena pudesse ponderar.

Cecília voltou a encará-la.

— Não estou mentindo.

— Alguém está — Helena disse. — Você, Laura ou...

— Maitê — acusou Cecília.

A garganta de Helena ficou apertada, o ar mais difícil de respirar. Cecília passou a mão pelos cabelos, demonstrando certo cansaço.

— Não sei como dizer.

— Sonhei com Carla e ela estava algemada.

Silêncio, e dessa vez mais longo. Cecília respirou fundo e, quando falou, houve tristeza em sua voz.

— A Maitê queria contar a você.

O coração de Helena pareceu parar por um segundo.

— Contar-me o quê?

Cecília riu sem ânimo.

— Você não sabe?

— Cecília!

— Ela descobriu.

— Descobriu o quê!

A voz elevada de Helena ecoou pelo apartamento. Cecília aproximou-se.

— Que a Carla estava afastando você de todas nós, de Maitê.

Helena franziu a testa.

— Isso não faz sentido.

— Não?

— Não!

— Então por que você quase não fala mais tanto com a Maitê?

A pergunta direta atingiu Helena sem sensibilidade. Helena abriu a boca, mas nada saiu porque era verdade.

— E comigo? — Cecília continuou. — Quantas vezes você cancelou nossos rolês?

— Isso não tem nada a ver...

— Tem tudo a ver! — Agora foi Cecília quem elevou a voz. — Carla isolou você, Helena! Aos poucos! Sem você perceber!

— Para!

— E quando a Maitê tentou mostrar isso a você — continuou Cecília, ignorando —, você destratou-a.

— Não. Não, isso não... — Helena balançou a cabeça.

— Você já viu como Maitê fica quando acha que vai perder algo!

Helena lembrou de pequenos momentos, detalhes que, antes, pareciam sensatez, mas que agora pareceram outra coisa.

— Nós brigamos — Cecília disse, enfim. — As três.

— Preciso saber o que aconteceu, por favor.

Cecília fechou os olhos por um momento e abriu-os lentamente. Ali estava, claramente, a verdade começando a aparecer.

— Nós perdemos o controle.

O coração de Helena disparou.

— Por quê?

— Porque você não ia acreditar em nós.

— E agora eu vou?

Cecília deu as costas para a amiga. Os óculos, na mão de Helena, pesavam.

— Se você não vai contar-me nada, vou-me embora — ela afirmou.

Dessa vez, não havia mais espaço para evasão, então Cecília respondeu.

— Carla caiu.

Helena sentiu o estômago embrulhar.

— Sozinha?

— Tentamos segurá-la — disse, finalmente.

A frase veio baixa, com pesar.

— Por quê?

— Para tentar impedir.

— Impedir o quê?

Cecília engoliu seco.

— Que a Carla contasse a você.

O tempo pareceu parar por um instante.

— Contasse o quê?

— Não sabemos. Ela saiu correndo.

Helena deu um passo para trás.

— E?

Cecília não respondeu imediatamente. Seus olhos baixaram até os óculos na mão de Helena, depois voltaram.

— E ela escorregou.

A quietude que veio depois machucou, machucou demais. Era cheia de consequências, consequências de tudo que não podia mais ser desfeito. Helena olhou para os óculos quebrados, para as rachaduras, para a lente opaca, distorcida.

— Foi quando os óculos caíram?

— Sim — Cecília disse rápido. — Mas levantou-se rápido e saiu porta afora.

As palavras saíram sem emoção, quase mecânicas.

— Carla fugiu para a floresta?

— Sim.

Um silêncio martirizante, longo, irreversível, instalou-se entre elas.

— E o que vocês fizeram? — Helena perguntou, por fim.

— Nós entramos em choque — ela respondeu, olhos fechados.

— E depois?

Cecília demorou a responder. Quando falou, a voz saiu em um sussurro.

— Fizemos o que precisava.

Helena esperou.

— Que foi?

Cecília suspirou.

— Garantir que você soubesse a verdade.

Helena apertou os óculos na mão.

"Não acredite nela!"

— Então, Carla está viva?

Cecília não respondeu porque, no fundo, as duas já sabiam que entre elas algo tinha se quebrado junto com aquela lente.

## Capítulo V - Ela Fará Seu Coração Partir

A luz suave da manhã entrava pelas frestas da cortina, quase gentil demais para o que aquele momento carregava. Helena estava sentada, os ombros encostados no espaldar da cama, os dedos envolvendo a fotografia. Ela estava no apartamento de Maitê, no seu quarto, na sua cama. Foi uma decisão difícil, mas ela precisou de resposta. Decidiu dormir com a amiga, ou seria inimiga?

Olhou para o lado, onde Maitê estava deitada, o lençol amassado. Não era a primeira vez que dormia no apartamento da amiga e, como das outras vezes, nada acontecera, afinal eram somente amigas, mas nada agora era como antes.

Na verdade, ela não tinha dormido, ou talvez tivesse por alguns minutos desconexos, onde lembranças e visões se misturavam até perderem forma: a fotografia, a frase, o sonho, a algema... os óculos quebrados. E, no meio de tudo isso, rostos: Cecília, Laura, Maitê... Carla.

Carla.

Helena fechou os olhos por um instante, respirou fundo. Olhou para a porta assim que ela começou a ser aberta.

— Oi.

A voz era baixa, parecendo cansada. Helena não respondeu de imediato. Então, a porta se abriu completamente e Maitê entrou devagar. Trazia uma bandeja, duas canecas fumegantes. Maitê estava diferente. Havia algo nela que parecia forçado, talvez nos ombros caídos, no jeito contido de andar, no cuidado excessivo em cada movimento.

— Trouxe cappuccino — ela disse, quase desnecessariamente, olhando para a bandeja —, como você gosta.

Helena manteve-se em silêncio, encarando a amiga, desconfortável. Mas nada seria confortável novamente, nunca mais.

— Dormiu bem? — Maitê perguntou.

Helena soltou um pequeno suspiro.

— Na verdade, não.

Maitê assentiu.

— Percebi.

Ela permaneceu em pé, como se não soubesse onde se encaixar naquele espaço mesmo sendo seu. Olhou para a mão de Helena, para a fotografia, depois aproximou-se, acomodou-se no seu lado da cama, depositando a bandeja entre elas. Helena sentiu o delicioso e espesso aroma que exalava das canecas, mas não se moveu, mesmo sentindo a garganta seca e o desejo de tomar o delicioso líquido.

— Eu falei com a Cecília, com a Lura — Helena disse.

Maitê fechou os olhos.

— E?

— Elas contaram o que aconteceu.

Maitê assentiu devagar. Helena encarou-a.

— Elas contaram tudo?

Helena hesitou.

— O suficiente.

Em silêncio, Maitê pegou sua caneca e levou aos lábios, sorvendo um pouco do líquido quente. O dia lá fora corria, a luz solar desenhando sombras novas no piso do quarto.

— E a Carla? — Helena perguntou.

Maitê soltou o ar lentamente.

— Sumiu.

— Isso eu já sei.

No silêncio que se seguiu, Helena pegou sua caneca quente, mas não bebeu. Ficou segurando-a, olhando para a espuma do cappuccino.

— Você acha que nós fizemos alguma coisa para ela? — Maitê perguntou, de repente.

Helena não respondeu incontinenti. Os dedos dela giravam levemente a caneca, como se procurassem uma resposta nos desenhos que a espuma fazia.

— Eu acho — começou, procurando palavras — que uma de vocês quer falar a verdade. Foi você quem colocou a foto na minha bolsa?

— Essa foto? — Ela perguntou, sem nada entender.

Sem nada dizer, Helena entregou a foto. A amiga pegou-a, abaixou o olhar para a foto, sorriu.

— Foi Carla quem tirou essa foto — dito isso, ela deixou a foto sobre a bandeja.

— Sim! — Helena disse seca. — E então?

— Eu estou perdendo você, não estou?

— Você não pode perder algo que nunca teve — Helena falou baixo, mais firme.

— Eu sei.

— Eu não entendo o que Carla tem a ver com tudo isso.

— Você realmente não sabe?

— Não, não sei.

— Ela amava você, Helena!

A voz de Maitê falhou no final. Com o silêncio dela, sua respiração ficou mais intensa; a de Helena, contida.

— Você não sabe o que está falando — Helena observou, levando a caneca até a boca. O cappuccino ainda estava quente. Soprou o líquido cálido antes do primeiro gole.

Olhou para Maitê e surpreendeu-a um meio sorriso em seus lábios. Preocupada, Helena viu nele ameaça, manipulação. Sentiu que cometeu um erro e teve medo. Percebeu que tinha ultrapassado um limite sem perceber o tamanho dele.

Tomou mais um gole do cappuccino.

— Somos apenas amigas — Helena afirmou, enfim. — De onde você tirou essa ideia?

Maitê ficou em silêncio por alguns instantes, pensando, pesando.

— Porque ela olhava para você da mesma maneira que eu olho — respondeu, por fim.

Helena franziu o cenho.

— O quê?

Maitê encarou-a com intensidade.

— Eu amo você.

A frase veio forte, acabada.

— Como assim? — Helena perguntou, cansada de tudo aquilo, pousando a caneca sobre a cama, franzindo o lençol em seu entorno.

Maitê fez o mesmo, pousando sua caneca ao lado da de Helena. Agora, duas marcas no lençol. Paralelas, mas não iguais; Maitê soube, Helena não.

— Eu sempre amei você.

Helena absorveu devagar aquela revelação, como se cada palavra precisasse de espaço para encontrar seu encaixe.

— Então, o que você fez? — Questionou Helena, estranhando pequenas luzes bailando em sua retina.

— Fiz minha escolha.

Helena engoliu saliva, molhando a garganta.

— E você escolheu?

Maitê não demorou a responder.

— Eu escolhi ficar com você.

O coração de Helena pareceu parar por um átimo.

— Ficar?

Maitê sorriu, ajeitando as duas canecas.

— Sim, Helena. Ficar aqui, agora, para sempre.

Helena olhou para as duas canecas, depois para Maitê.

— O que você fez, Maitê?

A amiga não respondeu, mas Helena soube que não precisava de uma resposta porque soube qual era. Maitê, então, deitou-se calmamente, cruzou as mãos sobre o peito e fechou os olhos.

Helena, desnorteada, com a visão parcialmente nublada, tentou levantar-se da cama, mas dobrou os joelhos e caiu, batendo a face no chão frio do quarto. Helena não acreditou que tudo terminaria daquele jeito, sem nunca saber onde a verdade começava ou terminava.

A luz do mundo apagou-se aos poucos, a respiração perdeu cadência; o coração, perdeu batidas.

Então, fechou os olhos pensando quando encontraria Carla.

## Lua e Mel, de May Poetisa

### CAPÍTULO 1

Conto para o desafio

- Você veio (afirmou admirando a namorada).

- Eu sempre venho, mesmo quando você não merece.

Era verdade. Não importava o que Mel fazia, Lua sempre aparecia, para ela, por ela, por conta da história que tinham, todo amor envolvido, no começo foi tudo tão rápido entre elas, mas intenso desde o primeiro encontro, desde o primeiro beijo trocado.

Lua inclinou-se um pouco, observando a algema de metal grosso, pesado e frio, que estava no pulso de Mel, presa naquela cama de hospital. Nunca imaginou aquela situação. Nem nos seus piores pesadelos. Aquilo tudo parecia até uma piada de muito mal gosto.

- O que foi? (Perguntou com receio da resposta).

- Nada. É que... você deveria ter me escutado (respondeu olhando nos seus olhos).

- Eu sei. Mas, eu precisava.

- Não acredito nisso tudo.

Ficaram olhando uma para a outra, naquela situação tão complicada.

- É, antes de sair para trabalhar a Luiza falou para te trazer essa foto, para você nunca esquecer do nosso quarteto.

- Como se eu pudesse esquecer da amizade que temos (disse olhando a foto).

As duas ficaram em silêncio. A luz fria do hospital deixava a situação ainda mais estranha do que já era. Naquele lugar onde vidas são salvas, Mel estava algemada.

- Não quero ouvir dos outros. Quero ouvir exclusivamente de você. Me conta!

- Eu fiz o que precisava e que já queria ter feito antes.

- Mel, quero que você me conte tudo (pediu).

- Consegui chegar até ele, que estava bêbado, agressivo e quebrou o meu óculos. Disse coisas que eu não consigo repetir para você.

- Te falei para não prosseguir com essa vingança absurda.

Silêncio. O tipo de silêncio que pesa.

- Sei que te desapontei, mas ele não vai machucar mais ninguém Lua. Mesmo que isso me custe tudo.

Lua fechou os olhos por alguns segundos. Quando abriu os olhos disse com sinceridade.

- Eu vou permanecer ao seu lado.

- Você não devia. Você merece alguém melhor.

- É a minha escolha.

A porta foi aberta. O policial entrou para verificar e avisou que só teriam mais alguns minutos para se despedirem.

- Eles acharam o corpo dele e acharam... marcas. Muitas.

O silêncio caiu como um peso.

- Eu... bati nele. Muito.

Voltaram a ficar em silêncio, porém, em seguida ela continuou.

- Descontei toda raiva que senti. Eu acabei perdendo todo o controle.

- Você... matou ele? Me diz que não, por favor.

- Eu achei que sim.

- Mas...

- Mas não fui eu que matei.

- Não entendi. Me explica!

- A morte dele não foi por conta da surra que dei nele (explicou).

- Como assim?

- Achei que tinha matado ele, só que não fui eu.

- Então o que foi?

- Overdose. O coração dele teria parado de qualquer jeito.

- Confesso que estou aliviada.

- Eu queria vingança, mas, não fui eu que tirei a vida dele.

- Graças a Deus. Amor, então você está algemada por quê? Não podem te punir por algo que não fez.

- Por agressão grave. Por ele ter morrido depois. Porque tudo parece culpa minha, mesmo não sendo.

- Nós vamos resolver isso.

- Você não precisa.

- Vai ficar tudo bem.

- Senti medo de perder você. Medo de você nunca mais querer me ver, por ficar com medo ao meu lado.

Lágrimas escorreram do rosto de Mel (por conta de todo medo que estava sentindo).

Lua aproximou-se ainda mais.

- Detesto o que fez. Depois que você se abriu e contou tudo que tinha passado nas mãos dele, te pedi tanto para fazer acompanhamento psicológico, para lidar com todo trauma e deixar a vingança de lado. Queria que tivesse me escutado e não tenho medo de você.

- No IML confirmaram que ele estava condenado antes de eu chegar. Mas isso não apaga o que fiz. Vou enfrentar o que vier. Só... não queria enfrentar sem você.

Lua segurou na mão livre de Mel, com firmeza e seu olhar demonstrava todo o seu carinho.

- Vamos encarar juntas. O que você fez não te define. E o que ele fez não vai mais te atormentar. Passou!

O policial entrou novamente, mas hesitou quando viu as duas de mãos dadas. Deu mais alguns minutos para elas e voltou a fechar a porta.

Lua manteve os dedos entrelaçados aos de Mel, olhando para ela com afeto, mesmo com todas as falhas, impulsos, vingança, problemas e duras verdades.

- Linda, você precisa contar tudo direitinho aos advogados.

Nos dias seguintes, as investigações continuaram de forma favorável. O laudo toxicológico foi oficializado: overdose letal do confronto. As lesões provocadas por Mel não tinham relação direta com a morte.

Ela tinha sido violentada na adolescência e fez a promessa que se vingaria do infeliz que tinha lhe traumatizado tanto. Estava se sentindo melhor já que ele não machucaria mais ninguém, tinha finalmente acabado.

Depois de tudo solucionado e livre, Mel levou café na cama para namorada, ficou observando o rosto dela e os cabelos espalhados no travesseiro. Quando ela acordou questionou:

- Tem certeza que quer continuar comigo? (Quis saber, mas, estava com receio de receber uma negativa da mulher amada).

- Claro que tenho.

- Mesmo?

- Eu sou apaixonada por você.

- Mesmo depois de todo esse caos?

- Nunca tenha dúvidas. Você é a minha pessoa.

- Que privilégio o meu.

- Eu te amo!

- Eu também te amo muito. Lua, obrigada por se importar tanto.

- Não precisa agradecer.

Todo o processo foi encerrado meses depois. Punição administrativa leve. Nada de prisão. Nada de ficha criminal que impedisse Mel de seguir a vida. Quando a notícia chegou, ela chorou por minutos, abraçada a Lua, sentindo finalmente o peso ir embora.

- Obrigada por não desistir de mim. Por ter continuado ao meu lado. Você é incrível.

- Eu não permaneci ao seu lado porque você precisava. Eu fiquei porque eu te amo.

E foi assim que elas seguiram unidas e em paz. Elas merecem mais.

Superando todo o passado e construindo uma vida juntas a quatro mãos.

Realizando sonhos, conquistando tudo que almejavam, fazendo planos.